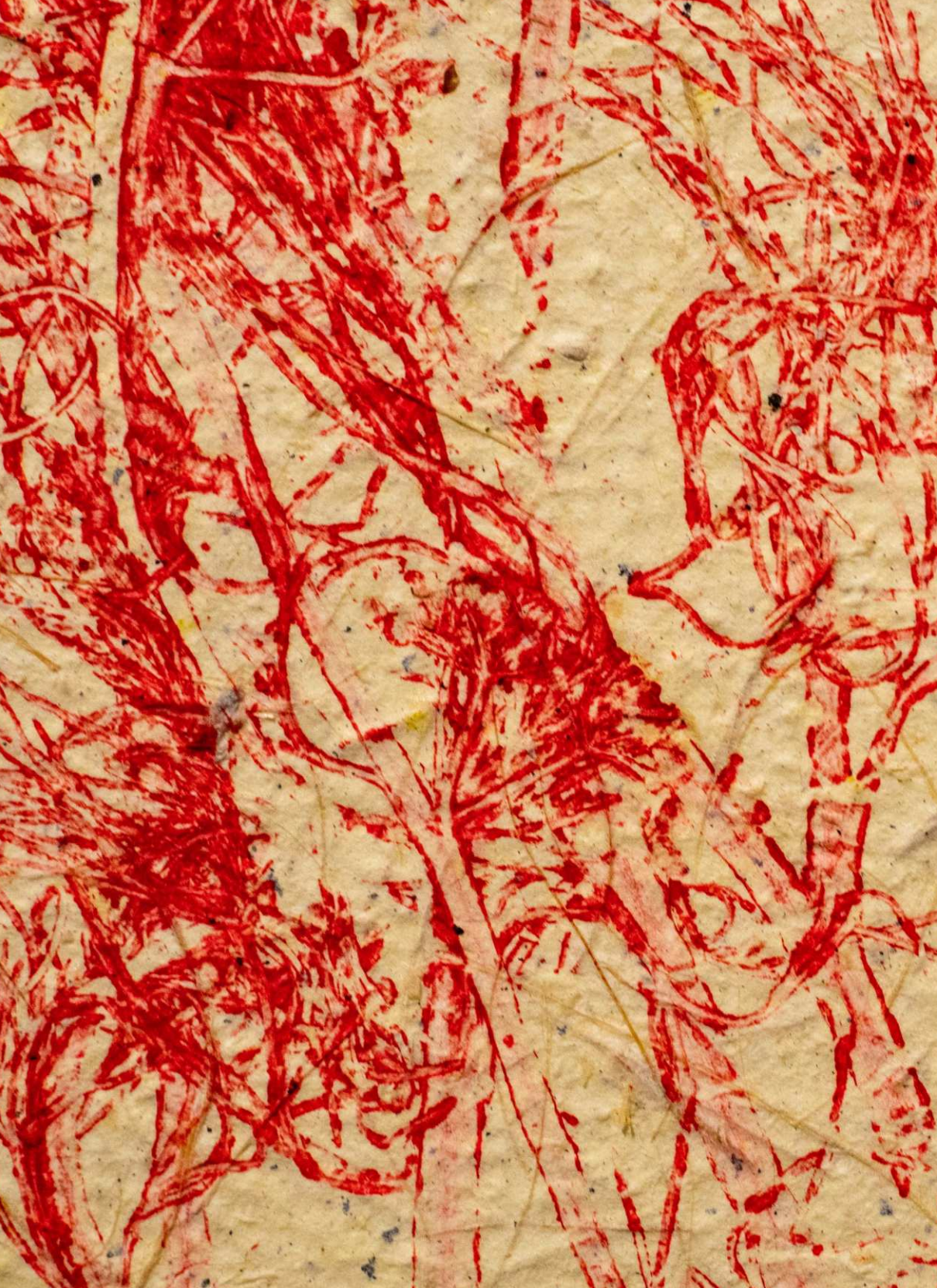




Catálogo da Exposição

Raízes Poéticas





Raízes Poéticas - Grupo de Estudos coordenado pela Profª Drª Sandra Maria Correia Favero, vinculado ao Grupo de Pesquisa Articulações Poéticas (UDESC/CNPq).

Projeto da exposição: Anna Moraes, Gabriela Buffon, Luanda de Oliveira e Shayda Cazaubon

Texto e curadoria: Integrantes do grupo Raízes Poéticas

Expografia: Anna Moraes, Gabriela Buffon e Luanda de Oliveira

Organização: Sandra Maria Correia Favero

Projeto Gráfico e Diagramação: Julie Silva

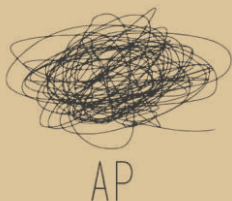
Fotografias dos trabalhos: Tiago Meirelles

Fotografias do espaço expositivo: Gustavo Reginato

Obras da capa e páginas iniciais: Angélica Neumaier

Distribuição virtual gratuita

Versão impressa produzida sob demanda pela Caseira.art

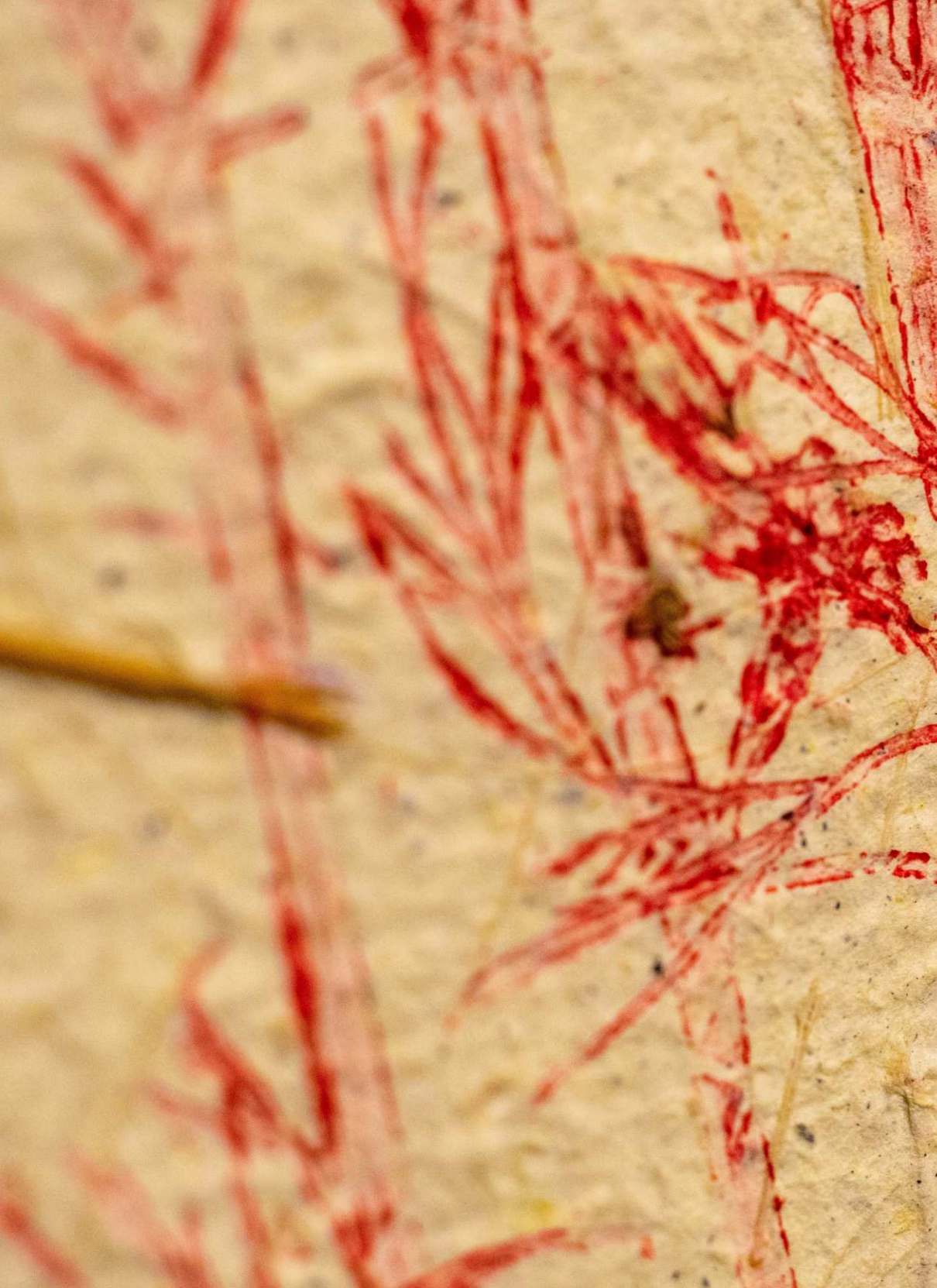


Catálogo da Exposição Coletiva

Raízes Poéticas

Uma exposição coletiva de

Angelica Neumaier, Anna Moraes, Gabriela Buffon,
Gustavo Reginato, Laura V. Malmegrin, Luanda de
Oliveira, Luiza Reginatto, Mariana Medeiros, Odete
Calderan, Pedro Gottardi, Sandra Correia Favero,
Shayda Cazaubon e Tiago Meirelles.



*Para Odete, dedicamos este poema — em referência à sua arte —
como uma homenagem à sua presença entre nós.*

Nem tudo é matéria bruta, nem tudo

*No oco da vida encontramos a poesia
O ser poesia*

Atmosfera

No oco da terra encontramos espaço

Tempo

*No oco das mãos a forma dada à matéria bruta conversa com a inquieta mente que
persiste e insiste*

Em dar sentido ao que encontra

Para muitos, nenhum sentido tem

"A cidade dá ilusão de que a terra não existe" disse Robert Smithson

A cidade dá ilusão de que o oco não existe

Terra preta

Pó

Carvão

Ouro negro

Argila

Pedra

Resquícios florais anilhados

Bordaduras na delicadeza de dizer com linhas do brilho do banal

Preciosidades

Escritas petrificadas

Palavras listadas

Camadas de delicadezas

Convites buquê

Compartilhamentos

Ter com o outro a cumplicidade poética

Provocar a surpresa da presença

Disseminar sedução

Tornar visível que nem tudo é matéria bruta, nem tudo.

Sumário

Raízes Poéticas	10
Angélica Neumaier	12
Anna Moraes	30
Gabriela Buffon	40
Gustavo Reginato	54
Laura V. Malmegrin	66
Luanda de Oliveira	74
Luiza Reginatto	90
Mariana Medeiros	102
Odete Calderan	114
Pedro Gottardi	124
Sandra Favero	140
Shayda Cazaubon	152
Tiago Meirelles	166
Fotos da Exposição	174
Referências	183



Raízes Poéticas

Raízes Poéticas é o título de uma pesquisa em andamento, realizada por artistas reunidos no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina. As raízes, partes subterrâneas e enigmáticas das plantas, são aqui uma imagem dos processos de criação: uma concentração de substâncias que permeiam o interior do artista e são externalizadas na forma artística, intervindo no meio externo em um movimento de troca. Pesquisamos práticas que envolvem uma abertura ao mundo exterior, em percursos, deambulações, caminhadas e consequentes coletas materiais e imateriais da natureza, do meio urbano e de espaços diversos.

Buscamos realizar exercícios de composição de formas artísticas a partir desses elementos, em processos sensíveis, intuitivos, intelectuais e construtivos. Os trabalhos apresentados são resultantes de uma prática de proposições entre os membros do grupo, de uns para os outros, formando um ecossistema de obras que se referem umas às outras, como organismos em coexistência colaborativa. Entre caminhos, coletas e composições, o que atravessa todas as produções é a relação com a paisagem: paisagens vegetais, marítimas, urbanas, terrestres ou híbridas. Da intimidade do jardim à imensidão oceânica, experiências e sensações são materializadas em formas que se desdobram. Da pedra à montanha, das linhas da gravura aos galhos de ninhos e cabanas, das casas-concha aos vestígios urbanos do antropoceno, novos sentidos são formados a partir de rastros, com a atenção daqueles que percorrem paisagens em um tempo lento e expandido, valorizando

presenças humanas e não-humanas. Diluem-se as fronteiras entre as sensações dos artistas, das próprias paisagens e das plantas, animais e minerais que as compõem.

A exposição Raízes Poéticas apresenta composições que buscam dar materialidade às experiências de um grupo de artistas, mas também oferecer ao público, através de formas abertas, a possibilidade de descobrir, construir e inventar mundos a partir da atenção ao mínimo, inserindo fragmentos do cotidiano em fluxos criadores e inspirando novos percursos atenciosos ao entorno, coletas afetivas e questionadoras, composições e construções de sentidos sobre a realidade através da transformação da matéria.

Angelica Neumaier, Anna Moraes, Gabriela Buffon, Gustavo Reginato, Laura V. Malmegrin, Luanda de Oliveira, Luiza Reginatto, Mariana Medeiros, Odete Calderan, Pedro Gottardi, Sandra Correia Favero, Shayda Cazaubon e Tiago Meirelles.

Angélica Neumaier

Angelica Neumaier (Santa Maria/RS. Reside atualmente em Cocal do Sul/SC) é artista visual, professora e pesquisadora. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UDESC, na linha de pesquisa Processos artísticos contemporâneos. Mestrado em Educação pela Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Especialista em Design para Estamparia (UFSM), Ensino da Arte (UNESC) e Hiperfídia em Design Gráfico com Ênfase em Design de Superfície (UFSC/SATC). Graduada em Bacharelado em Desenho e Plástica pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). É professora no Curso de Artes Visuais, Bacharelado e Licenciatura na Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), Criciúma/SC. Integrante do GRUPEHME – Grupo de pesquisa em História e Memória da Educação (UNESC/CNPQ) e do Grupo de pesquisa Articulações Poéticas/CNPq e do projeto de pesquisa Raízes Poéticas (UDESC). Participou de várias exposições individuais e coletivas, sendo agraciada com Prêmio Aquisição - Xilogravura no VI Salão Universitário de Arte - Universidade Federal de Santa Maria. Classificada na Categoria Gravura - Serigrafia do IX Salão Latino-Americano de Artes Plásticas de Santa Maria, Prefeitura Municipal de Santa Maria e Secretaria Municipal de Cultura. Menção Honrosa Categoria Gravura – Serigrafia, Prefeitura Municipal de Santa Maria e Secretaria Municipal de Cultura. Contemplada no edital do Prêmio Elisabete Anderle de Incentivo à cultura em 2021 e 2022. Contemplada no Edital cultural da Lei Aldir Blanc em 2021. Contemplada no edital cultural da Lei Paulo Gustavo – demais áreas no ano de 2023.



“Em caminhadas por terrenos abandonados, terrenos soterrados, encontramos as plantas ruderais, que surgem em espaços degradados. São sobreviventes nascendo em terrenos poluídos e com rejeitos variados. As monotípias com cores fortes e avermelhadas mostram a força destas plantas resistentes e sobreviventes na ordem das coisas ordinárias.”

Caixa de Coleta





Angelica Neumaier

Caixa de Coleta

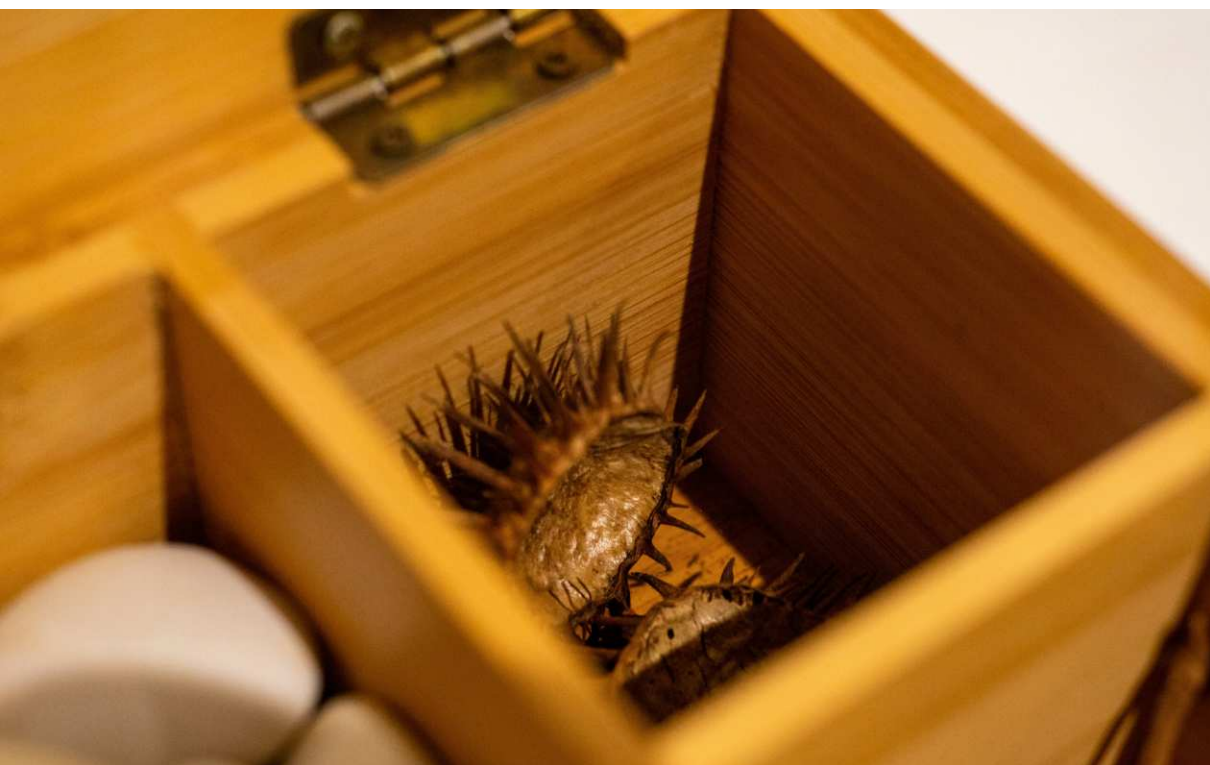
Objeto. Caixa de madeira, sementes, ninho
de inseto, bolas de alufina e cimento

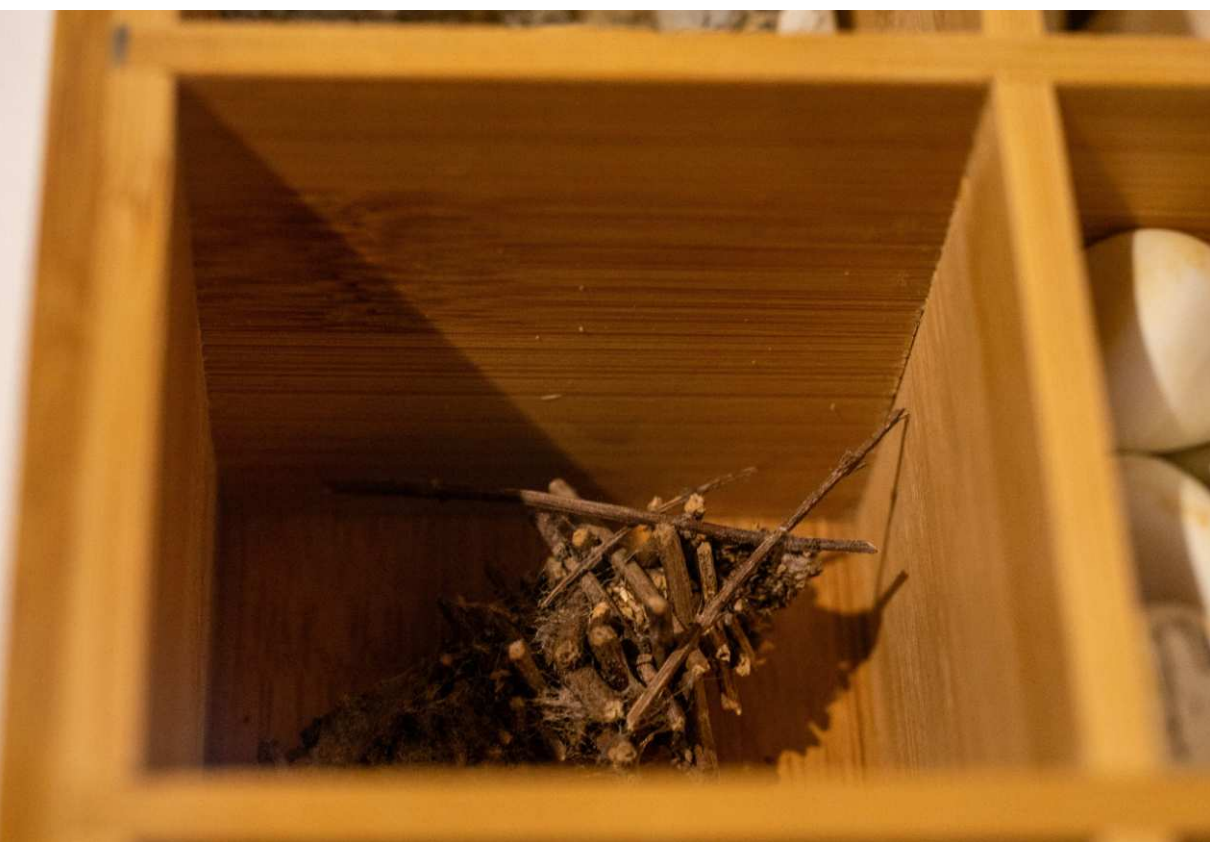
16 x 21 x 09 cm

2023



Coleção de objetos naturais e manufaturados diversos, coletados em caminhadas realizadas no quintal, na rua e pelo bairro da artista. Vestígios de vidas humanas e não-humanas que compartilham dos mesmos espaços.







Objeto, 16 x 21 x 9 cm, 2023. Caixa de madeira, sementes, ninho de inseto, bolas de alumina e cimento.

Ruderais



















As plantas ruderais coletadas e usadas como matrizes nestes trabalhos são espécies vegetais que primeiro colonizaram áreas degradadas. São vegetais com extraordinárias habilidades de sobrevivência.

Série de quatro monotipias, 35 x 25 cm, 2023. Tinta à óleo sobre papel artesanal.

Anna Moraes

Artista visual, doutoranda em Processos Artísticos Contemporâneos/ Artes Visuais PPGAV/UDESC (2020-), mestra e bacharela em Artes Visuais pela UDESC (2019 e 2013). Vive em Florianópolis/SC. Seu processo artístico se baseia na investigação de possibilidades de desenho por meio de linhas, traços, fios e territórios, que geralmente respondem à localização e interação com a paisagem. Vencedora do Prêmio Aliança Francesa de Arte Contemporânea/SC (2020), recebeu o prêmio Festival do Minuto: Concurso Tema Livre de Abril 2022, participou da Bienal Internacional de Curitiba (2019) e do Projeto Portas Abertas da 13ª Bienal do Mercosul, foi selecionada em editais como Arte como Respiro do Itaú Cultural, e salões como Salão de Artes Visuais de Vinhedo (2022), Salão 10x10 (2022), Salão Luiz Sacilotto (2019), entre outros. Também realiza trabalhos de curadoria, selecionados em editais em Santa Catarina. Desde 2012 ministra o curso Desenho Artístico em ateliê livre.



“Mofo” é uma investigação sobre a materialidade da água, do sal e da umidade em desenho sobre tela, e sobre o gesto do desenho como propagação. Me interesso em examinar as conexões conceituais entre as técnicas de aquarela e temas como paisagem, o corpo humano, a passagem do tempo e os processos naturais. O conceito de limites fluidos - tanto no sentido literal, relacionado à água, quanto no sentido metafórico, relativo à indefinição de categorias e disciplinas - encontra-se no centro deste trabalho. Busco responder como o corpo se relaciona e interage com seu ambiente, traçando paralelos entre a experiência humana e os fenômenos naturais.”



Série Mofos



Small informational label with text, likely describing the artwork.



Desenhos feitos sobre tela, esta série fricciona a oposição entre manchas feitas com aguadas e a precisão do desenho à caneta. É utilizado sal, que atua nas manchas e concentra umidade do ambiente, atuando no resultado final da obra dependendo das condições do clima.

O nome mofo se dá não só pelo aspecto visual, mas também pelas formas orgânicas que se espalham no suporte. Pretende investigar a relação entre o gesto artístico de desenhar e a metáfora do mofo como passagem do tempo, da impermanência e da natureza mutável da vida.







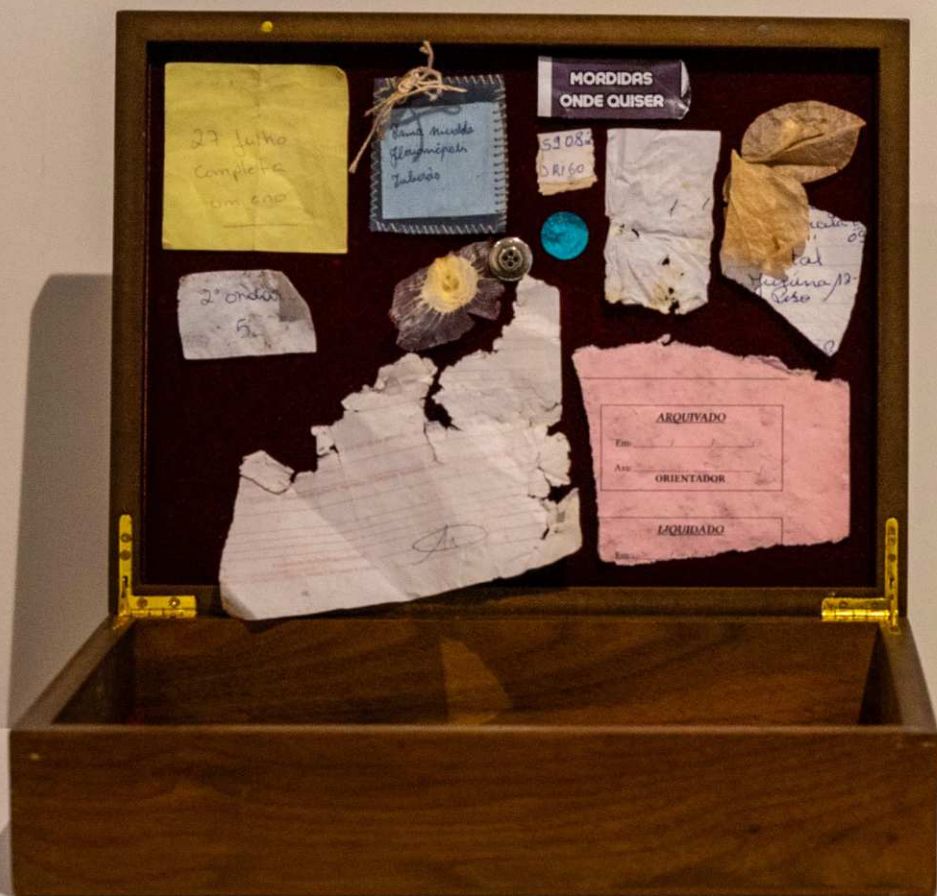
Desenho sobre tela. 145x95cm cada. 2023. Desenho com tinta e caneta nanquim, tinta à base de goma laca e verniz

Gabriela Buffon

É artista visual e pesquisadora residente em Florianópolis. Nasceu em Fraiburgo, interior de Santa Catarina, e atualmente é graduanda em Artes Visuais na Universidade do Estado de Santa Catarina. Sua produção tem como temas principais a sua atuação política enquanto militante e a fragilidade do corpo e sua relação com o espaço doméstico. Ambas as temáticas envolvem um lado político e outro pessoal que estão em constante simbiose e perpassam a relação traçada entre o indivíduo e o mundo. Participou da Exposição Coletiva Jovens Artistas Catarinenses: Rotas em Convergência no Centro Cultural Jorge Zanatta em Criciúma e da Exposição Autopoiesis realizada na Galeria Jandira Lorenz como parte da programação da Maratona Cultural 2023 de Florianópolis, entre outras. É integrante do grupo de pesquisa Articulações Poéticas/CNPq como bolsista do projeto de pesquisa Raízes Poéticas.



“27 de julho completa um ano” foi construído a partir de derivas urbanas e a reunião de objetos coletados e registros feitos em um caderno durante os trajetos, questionando sobre esses vestígios e sua deterioração diante da ação do tempo. “Mar Imenso, Azul Impossível” tece uma reflexão a partir da relação entre a paisagem, o estranhamento e o medo. As escritas e os desenhos bordados criam diálogos no seu verso, gerando signos irreconhecíveis, que precisam ser desvendados.”



27 de Julho Completa Um Ano

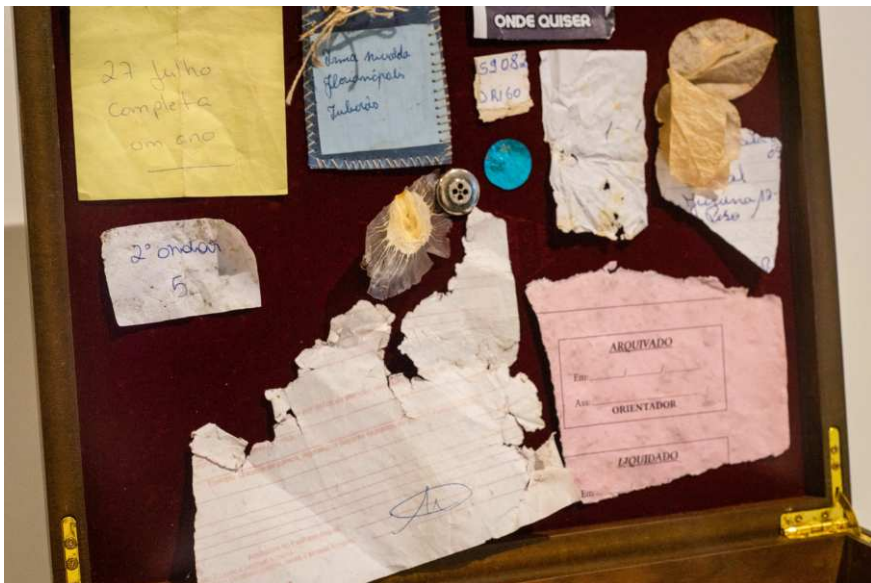
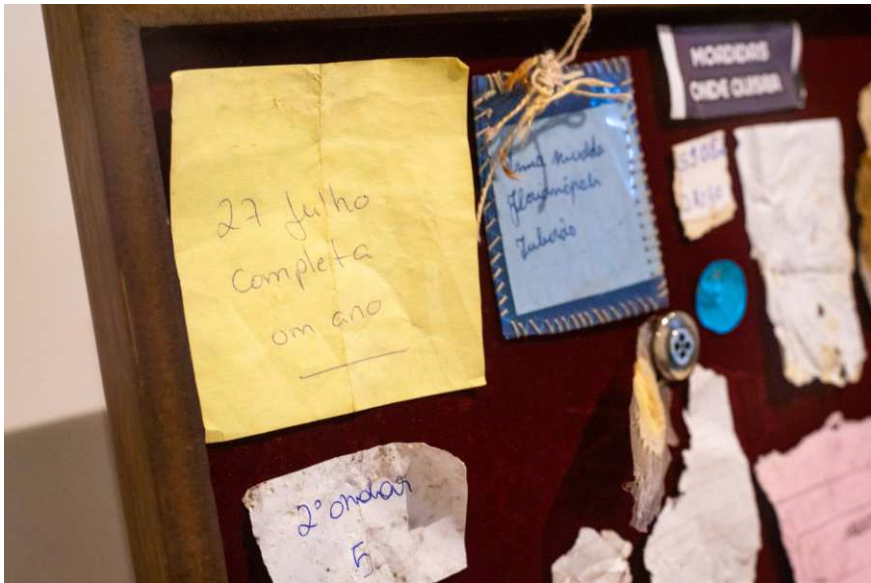


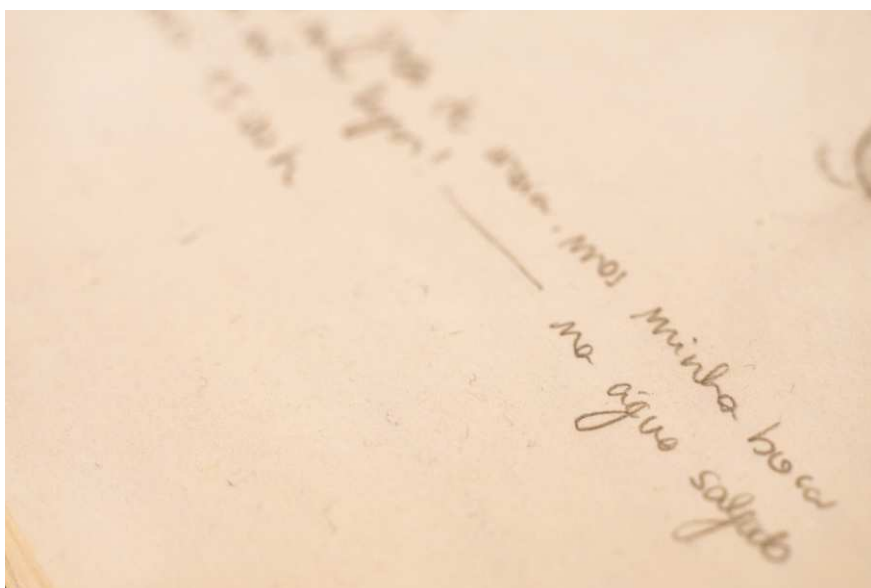
Estrela Bello
27 de julho completa um ano
Exatidão: 100 anos de arquitetura, urbanismo
e engenharia
80 x 80 x 40 cm
2021



A obra “27 de julho completa um ano” consiste numa instalação composta por uma caixa de madeira que contém objetos coletados em caminhadas pelas ruas de Florianópolis e um caderno com registros deste processo. A exposição e o mapeamento desses registros é feito para pensar sobre esses vestígios, sua origem, de que contexto surgiram, e sua deterioração diante da ação do tempo.

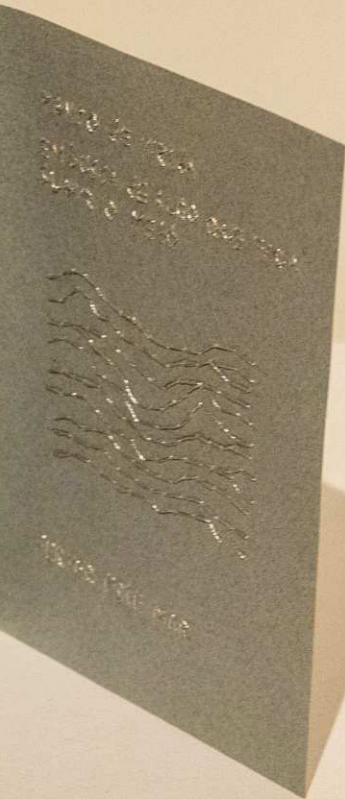
Instalação, 35 x 65 x 45 cm, 2023, objetos coletados, caixa de madeira e caderno.







Mar Imenso,



Azul Impossível

Gabriela Buffon

Mar Imenso, Azul Impossível

Zine. Bordado sobre papel de algodão

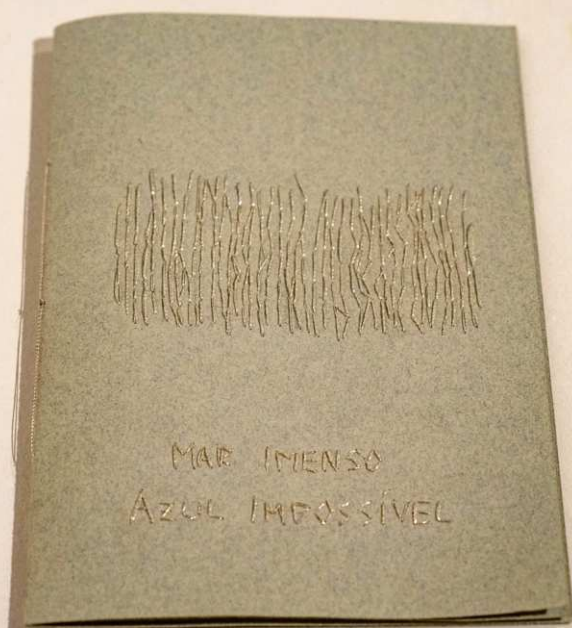
14,8 x 10,5 cm

2023



obra interativa

“Mar Imenso, Azul Impossível” pretende tecer uma reflexão a partir da relação entre a observação da paisagem e sua imensidão, o estranhamento diante do outro e o medo. O desenho das ondas se confunde com o contorno de montanhas, criando diálogos no verso do bordado que apresenta o verso da escrita que se mostra irreconhecível, precisando ser desvendada.





Zine, 14,8 x 10,5 cm, 2023, bordado sobre papel de algodão.

Gustavo Reginato

Professor Colaborador de Gravura no Departamento de Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina (DAV/UEDESC). Doutorando em Artes Visuais, linha de pesquisa Processos Artísticos Contemporâneos - PPGAV/UEDESC, com o projeto “Manual do empoderamento gráfico caseiro”, sob orientação da Prof. Dr. Sandra Maria Correia Favero. Mestre em Artes Visuais, linha de pesquisa Processos Artísticos Contemporâneos - PPGAV/UEDESC, sob orientação da Prof. Dr. Sandra Maria Correia Favero, com dissertação intitulada “Viagens à Ilha de Santa Catharina: devaneios em arte impressa.. Licenciado em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Investigador do universo gráfico e suas tecnologias, coletor de ideias e de imaginários. Fundador, editor e impressor da Editora Caseira (www.editoracaseira.com), que fabrica e distribui publicações artesanais acreditando no poder transformador dos Livros.



“A investigação na criação de imagens impressas é um caminho com inúmeras bifurcações. No jogo das possibilidades impressas, a materialidade da imagem conversa com a imagem representada, os vestígios da passagem humana e sua impermanência se transferem para a impermanência da imagem no papel térmico. Tanto imagem quanto objeto desaparecem na turbulência contemporânea, memória e imagem se apagam sem que nos demos conta.”

(A) Cúmulo do



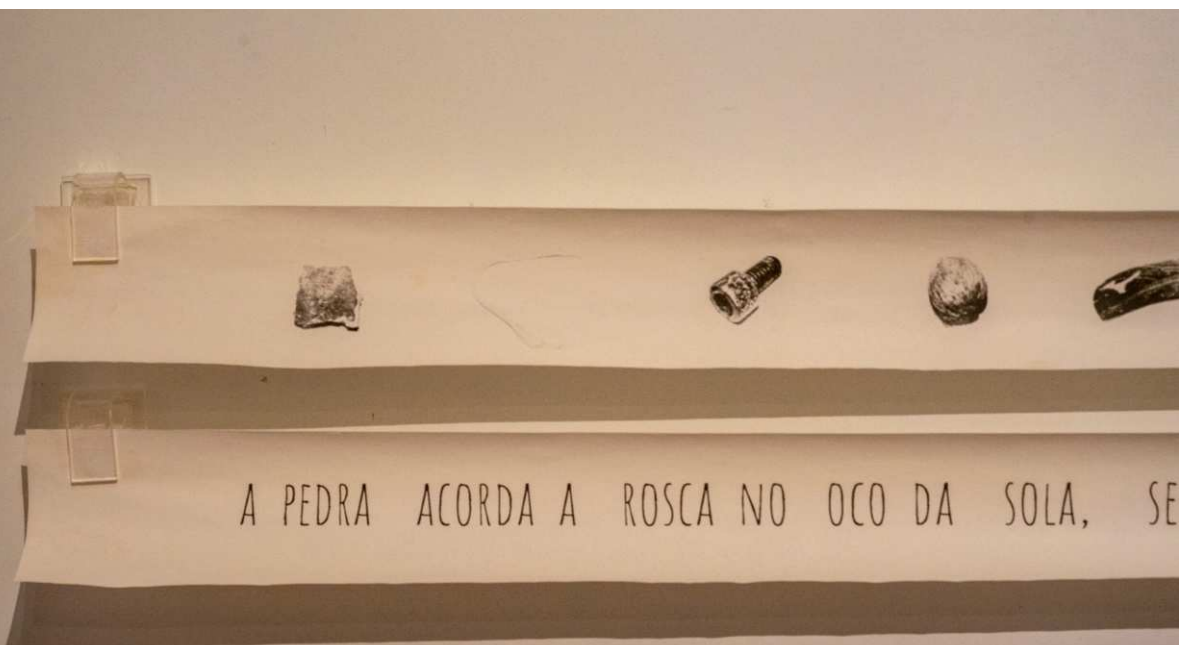
A PEDRA ACORDA A ROSCA NO OCO DA SOLA, SEMEIA A CASCA E FLORESCE NO CACHO DA PLUMA

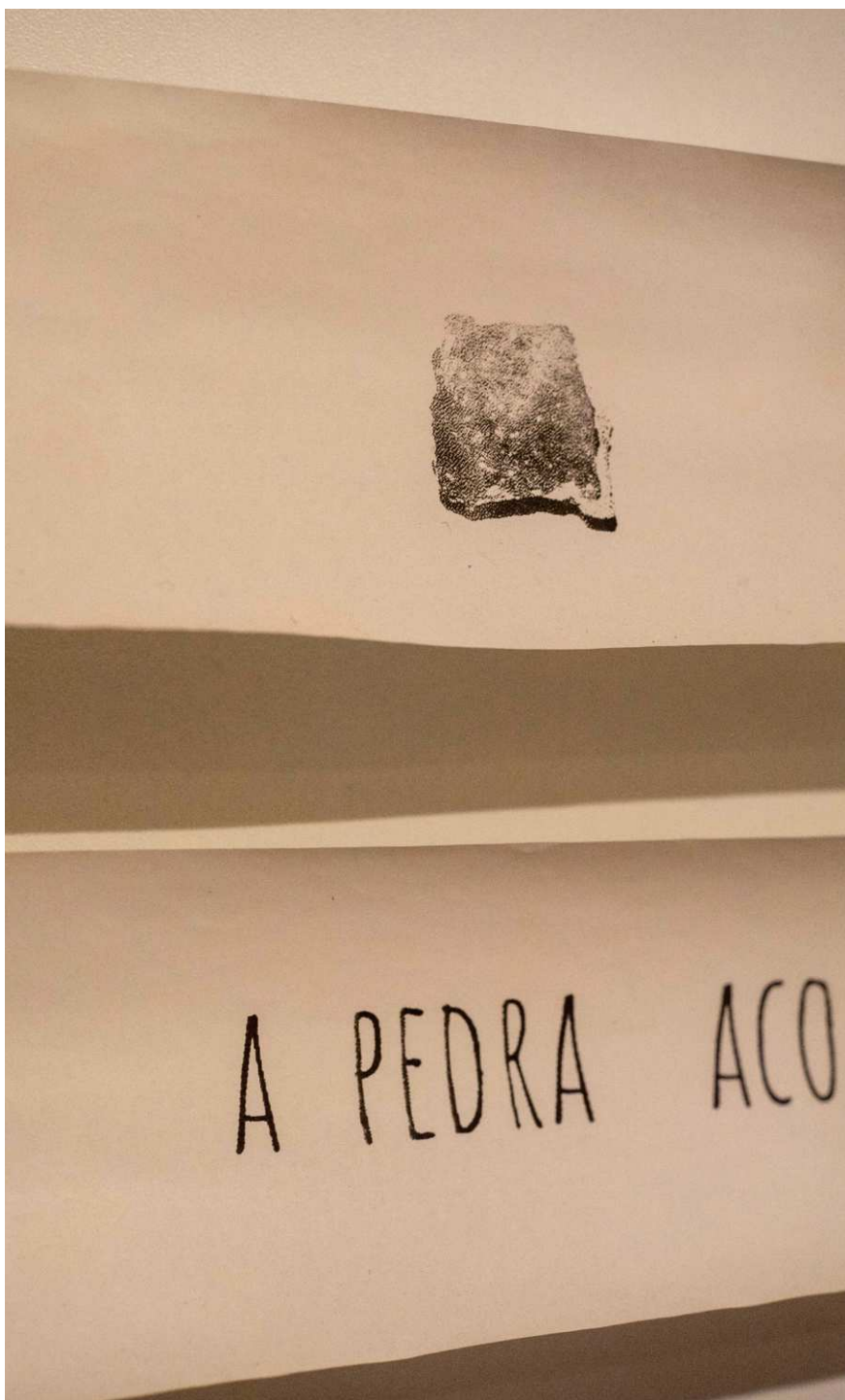
Antropoceno

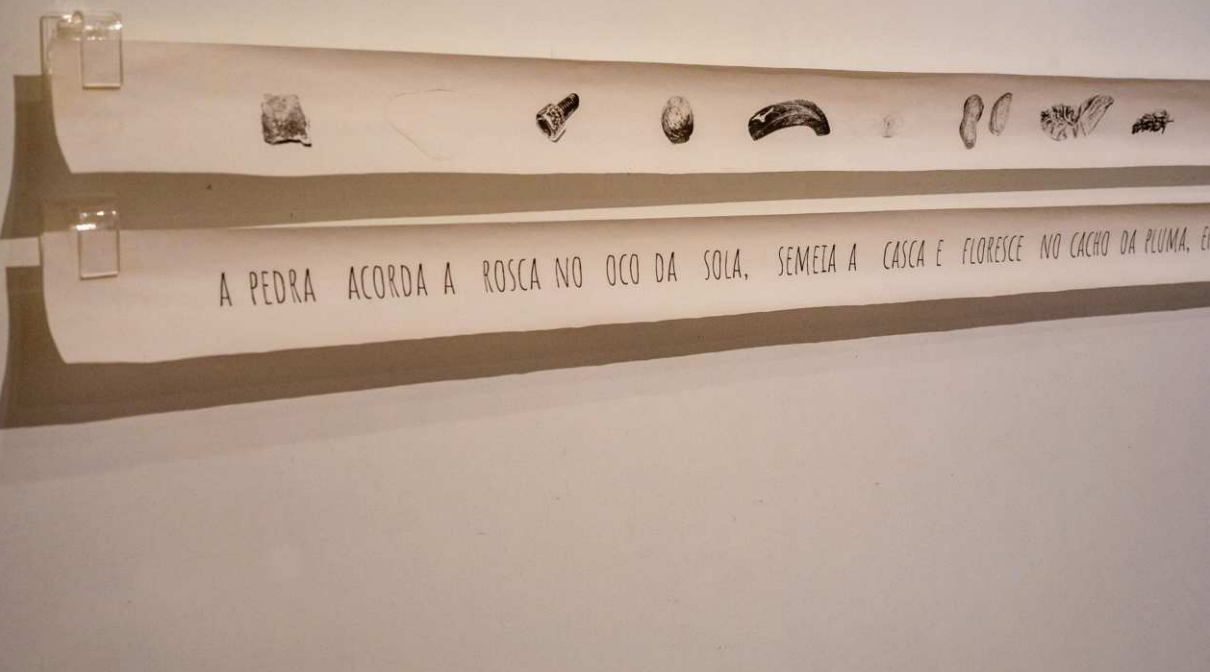


ENLAÇA A ROCHA, EMPELOTA A RODA NO BOSQUE DA PLACA RASGADA DA PAINA EM BRUMAS DA PIPA

(A)Cúmulo do Antropoceno foi criado a partir de coletas de elementos residuais da existência humana, agrupador a partir de caminhadas pelas cidades, em busca de elementos da narrativa humana na camada superficial da história geológica, ou era do Antropoceno.



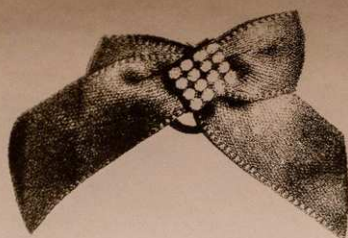




A partir das imagens é criado um texto ficcional que conecta os objetos antes isolados. A impressão térmica e efêmera, evidencia o desaparecimento destes fragmentos e narrativa a desvanecer.



A ROSCA NO C



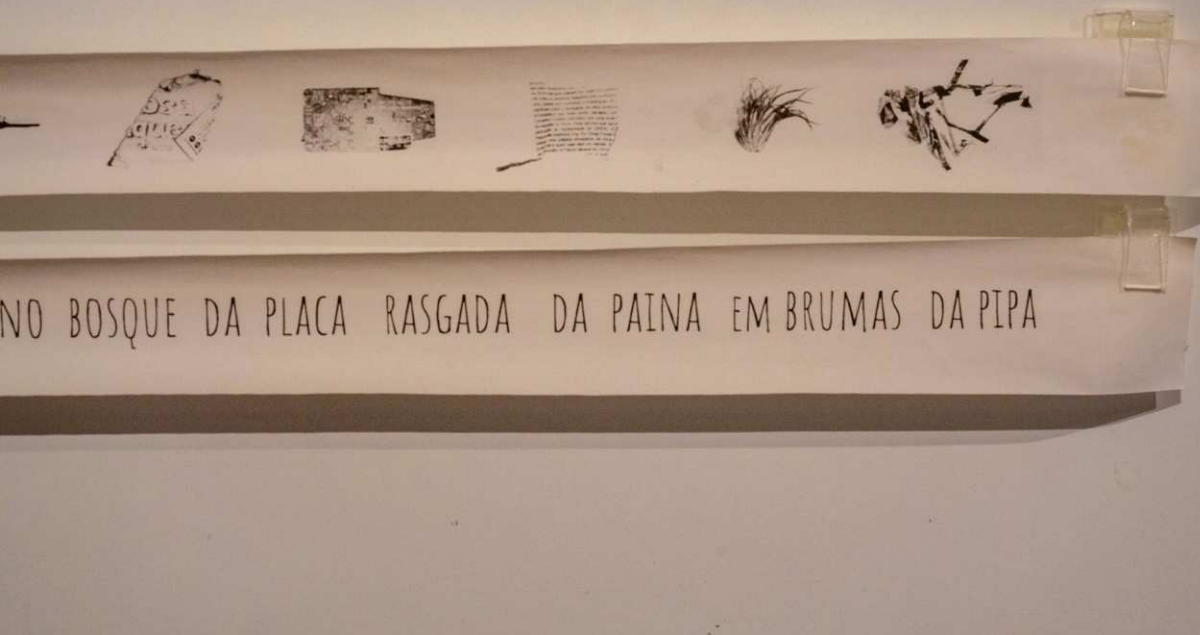
A ROCHA, EMPELOTA

*“A pedra acorda a rosca no oco da sola, semeia a cas-
ca e floresce no cacho da pluma, enlaça a rocha, empe-
lota a roda no bosque da placa rasgada da paina em
brumas da pipa.”*



DA PLUMA, ENLAÇA A ROCHA, EMPELOTA A RODA NO BOSQUE DA P





Impressão térmica sobre papel fiscal e texto manuscrito. 160 x 15 cm. 2023. Papel térmico, presilhas de acrílico.

Laura V. Malmegrin

Laura V Malmegrin (Florianópolis/ SC) é mestre em Processos Artísticos Contemporâneos pelo PPGAV/ UDESC e bacharel em Artes Visuais pela mesma universidade. Sua dissertação teve apoio da bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação de Santa Catarina. Publicou seu livro Laurindo através do Prêmio Elisabete Anderle de Estímulo à Cultura 2021, promovido pela Fundação Catarinense de Cultura. Vem investigando em seus projetos o cotidiano e o bairro, através da prática de caminhar enquanto um meio de contato com o território, o encontro e o acaso, provocando reflexões sobre nossos modos de habitar e conviver.



“Caminho pela praia. Os galhos, troncos e raízes que a maré trouxe de litorais distantes foram rearranjados por banhistas para a construção de cabanas, criando assim uma intervenção coletiva na paisagem. As formas variam e as dimensões impressionam, contrastando a organicidade destas construções com o novo posto dos salva-vidas. Juntas, elas formam uma espécie de cidade imaginária, naufraga.”



Cidade



Náúfraga



Há alguns meses a maré arrastou galhos, troncos e raízes para a praia da Joaquina, em Florianópolis, deslocados de litorais distantes.

Desde então, estes materiais são constantemente rearranjados por banhistas para a construção de cabanas, criando assim uma intervenção coletiva na paisagem.



As formas variam, e as dimensões impressionam, contrastando a organicidade destas construções com o novo posto do corpo de bombeiros. Juntas, elas formam uma espécie de cidade imaginária, náufraga.





Fotografia, 178 cm x 16 cm, 2023. Papel, bambu e linha.

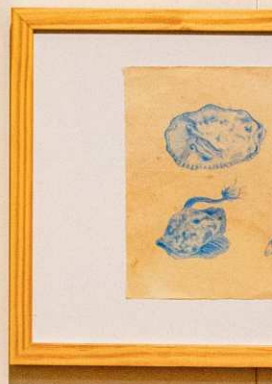
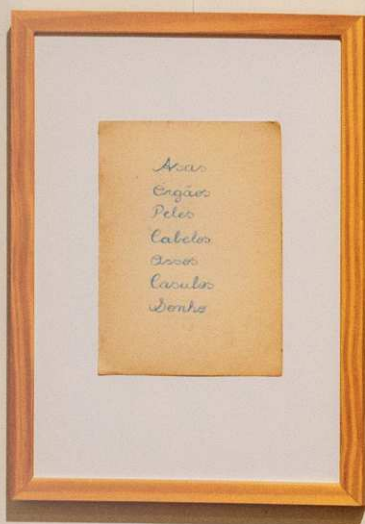
Luanda de Oliveira

Artista visual, doutoranda em Artes Visuais e mestre em Artes Visuais na linha de Processos Artísticos Contemporâneos pela Universidade do Estado de Santa Catarina. Bacharel em Artes Visuais pela mesma instituição. Realizou as exposições individuais *A Arqueóloga na casa do sonho* (Fundação Cultural Badesc, Florianópolis, 2023), *Arqueologia do Impossível* (Galeria Municipal de Arte Pedro Paulo Vecchietti, Florianópolis, 2019) e *Jardim nº 0* (Memorial Meyer Filho, Florianópolis, 2014), além de diversas coletivas. Pesquisa narrativas ficcionais e poéticas de arqueologia, memória, fabulação e interlocuções entre artes visuais e literatura.



“Investigo um campo, coleteo alguns de seus fragmentos e realizo uma composição, dentro do que chamo de Processo Artístico Arqueológico. Há um elemento lúdico na montagem destes fragmentos de uma praia: através da atenção e da imaginação, traço relações entre as formas com base em afinidades inventadas, formando uma taxonomia ficcional, como uma criança percebendo as coisas não apenas pelo que são, mas pelo que poderiam ser.”

Formas do Azul





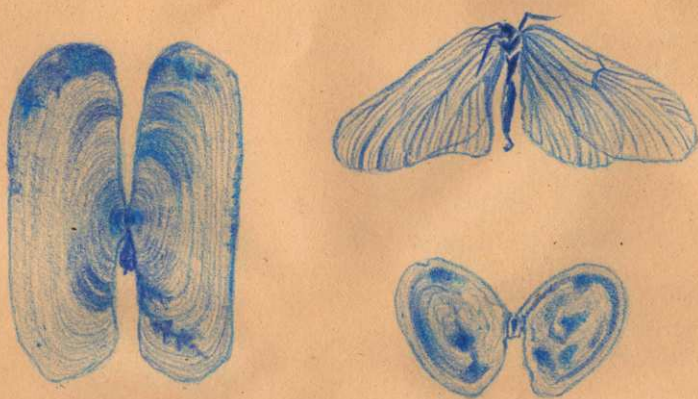
Asas
Órgãos
Pele
Cabelos
Ossos
Casulos
Dentes





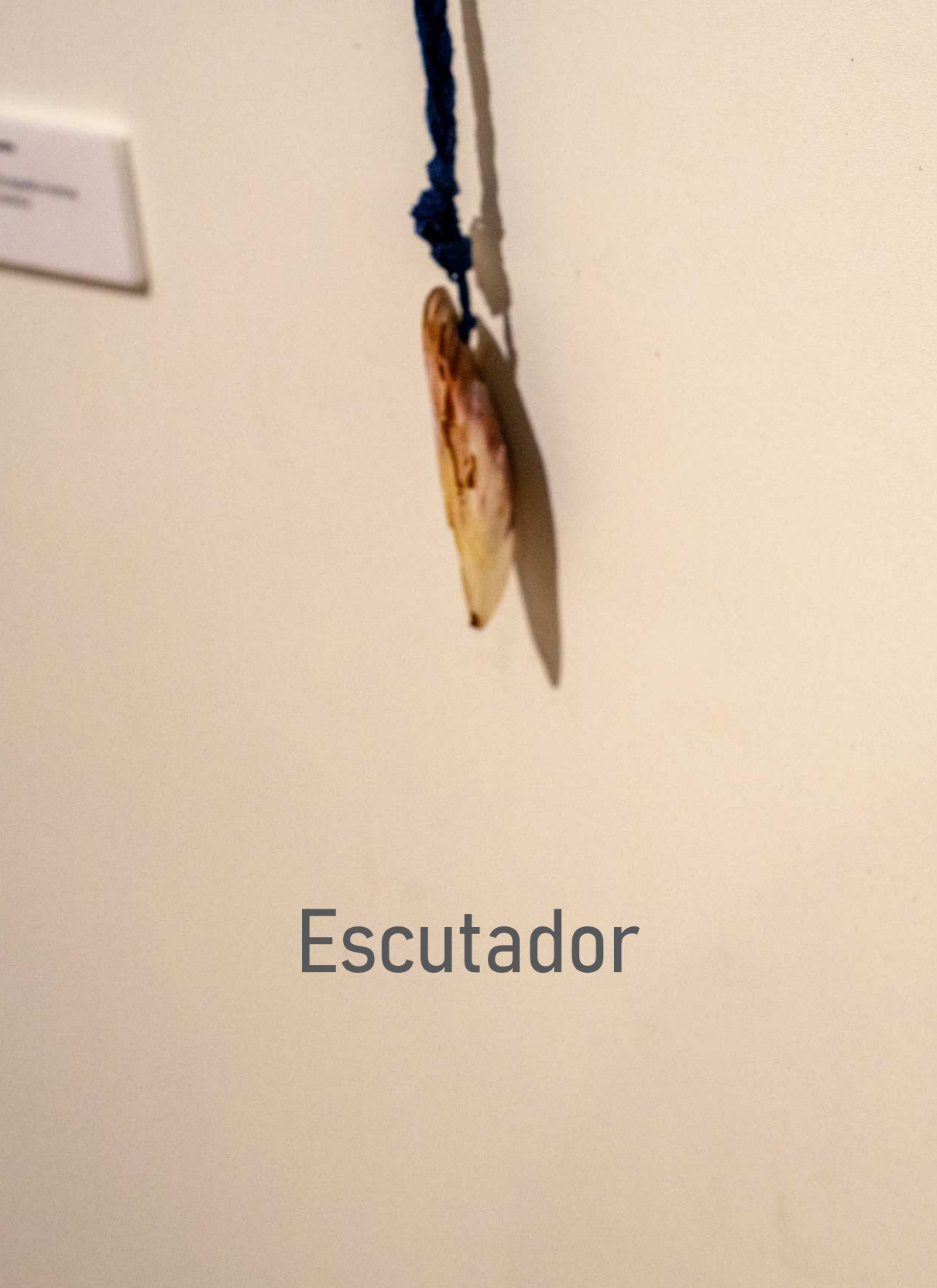


Estudo de fragmentos de uma praia por aproxima-
ções entre formas, compondo vestígios em novas
narrativas infiltradas por águas de sonho.



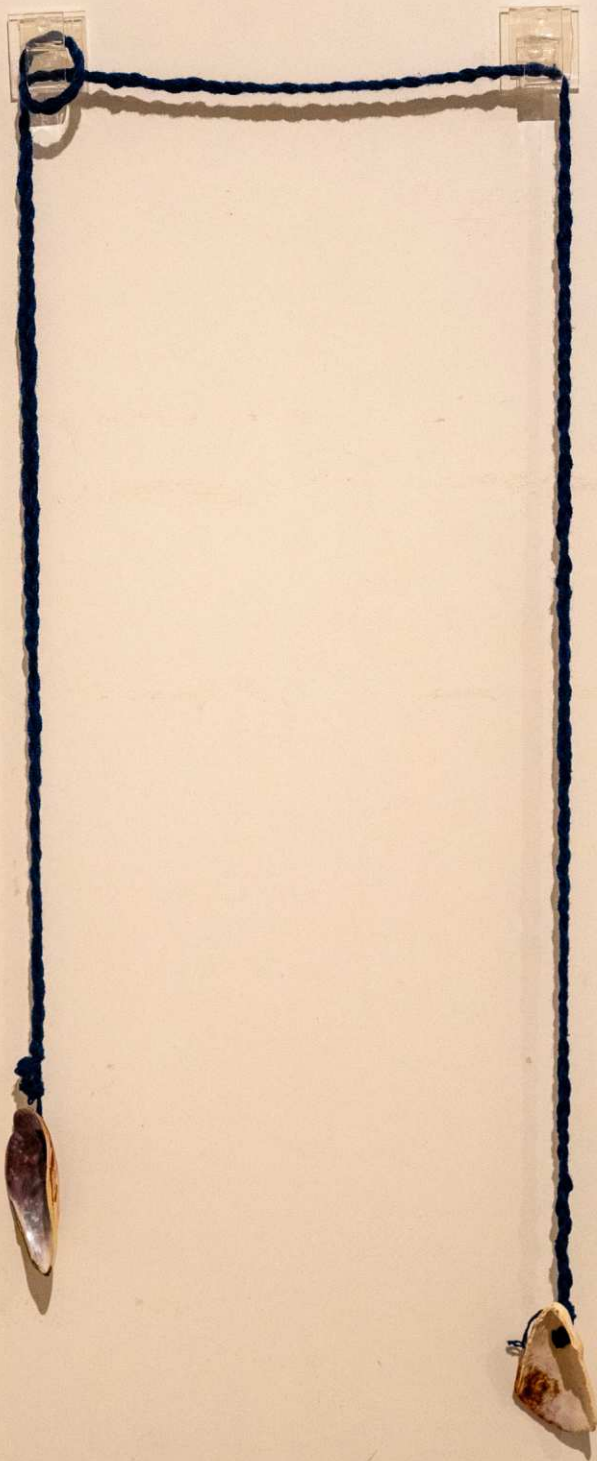


Desenho, 8 partes de 34 x 25 cm. Total do conjunto:
164 x 55 cm, 2023. Lápis de cor sobre papéis envelhe-
cidos.



Escutador





Objeto relacional-precário composto por coletas da natureza e do cotidiano; retoma o aspecto lúdico dos telefones de lata infantis. É realmente possível escutar o mar do outro? Haverá em toda relação uma parte de ficção?

Objeto, 120 x 5 cm (variáveis), 2023. Linha de algodão
e conchas.



Luiza Reginatto

Artista visual, de Estrela/RS, atualmente vive e trabalha no Rio de Janeiro, mestra em Artes Visuais na linha de processos artísticos contemporâneos pela Universidade do Estado de Santa Catarina. Em seu trabalho se desdobram relações entre memória e ativação de paisagens reais e imaginárias materializadas em meios múltiplos. Pesquisa recursos gráficos, texto, instalação e as relações do corpo no espaço. Participou de exposições coletivas no Brasil e no exterior e das individuais “Como conter horizontes” (2018) na Casa de Cultura Mario Quintana em Porto Alegre e “O mar distrai” (2022) na Sala Edi Balot em Criciúma.



“Deposito, em cada ninho encontrado, um selo da sua coleção de selos de pássaros. Procuro com esse gesto a origem da palavra aninhar. Em uma das nossas últimas conversas, você me mostrou um ninho na caixa de correio. Eu sei, já ninguém lerá suas cartas, que um dia irão finalmente parar de chegar. Mas, em uma tarde mágica, eu pude ver um ninho abandonado na caixa de correspondências da casa.”

Indestináveis







Série de cinco ninhos de pássaros encontrados no chão, durante caminhadas, restaurados utilizando tecido, cimento e parafina. Cada ninho recebeu um selo da coleção de selos de pássaros da avó da artista. Na montagem, um texto sobre o encontro com esses materiais aparece impresso em letra minúscula na parede, forçando o participante a aproximar-se da obra.

Objeto. Dimensões variáveis (aproximadamente 20 cm x 30 cm cada). 2022. Galhos, parafina, tecido, cimento, papel.

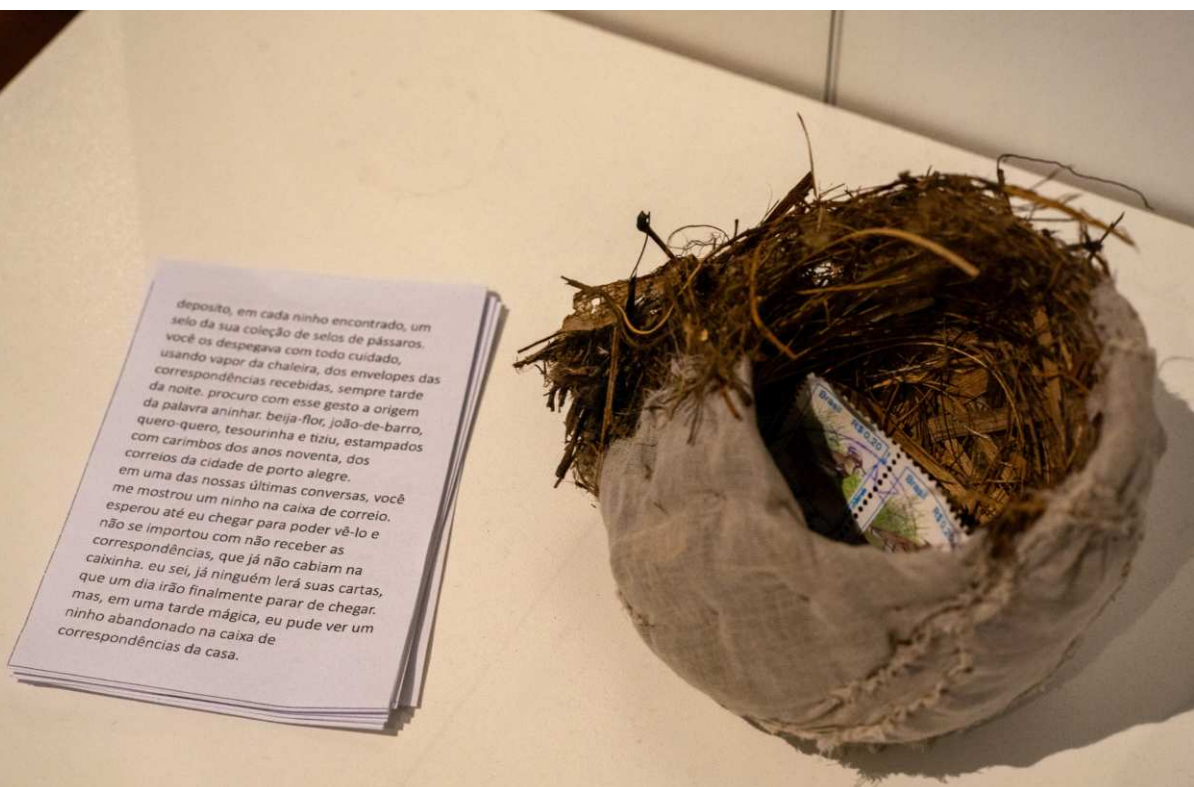








“Deposito, em cada ninho encontrado, um selo da sua coleção de selos de pássaros. Você os despegava com todo cuidado, usando o vapor da chaleira, dos envelopes das correspondências recebidas, sempre tarde da noite. Procuro com esse gesto a origem da palavra aninhar. Beija-flor, joão-de-barro, quero-quero, tesourinha e tiziu, estampados com carimbos dos anos noventa, dos correios da cidade de Porto Alegre.





Em uma das nossas últimas conversas, você me mostrou um ninho na caixa de correio. Esperou até eu chegar para poder vê-lo e não se importou com não receber as correspondências, que já não cabiam na caixinha. Eu sei, ninguém lerá suas cartas, que um dia irão finalmente parar de chegar. Mas, em uma tarde mágica, eu pude ver um ninho abandonado na caixa de correspondências da casa.”

Mariana Medeiros

Artista visual, mestra em Artes Visuais na Linha de Pesquisa Processos Artísticos Contemporâneos do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PP-GAV/UDESC). Graduada no curso de Artes Visuais Bacharelado da Universidade Federal de Pelotas (CA/UFPel-2019). Sua produção relaciona-se à memórias vividas como desencadeadoras de trabalhos que tocam o campo da fotografia e da gravura em diferentes dimensões e delineia aproximações com o tempo, o corpo, a natureza e com a paisagem.



“Vestígios de um tempo sensível repousam sobre o papel como se quisessem nos contar, em silêncio, o que foi vivido e quase esquecido. Unindo gravura e fotografia num gesto de inscrição e apagamento, cada folha, cada traço impresso, carrega consigo o sopro de um instante que se quis preservar e que agora habita o tempo da imagem. Como um relicário da matéria, essas superfícies revelam não só o que foi tocado pela luz, mas também aquilo que o tempo, generosamente, permitiu permanecer.”



Imagens-Vestígio



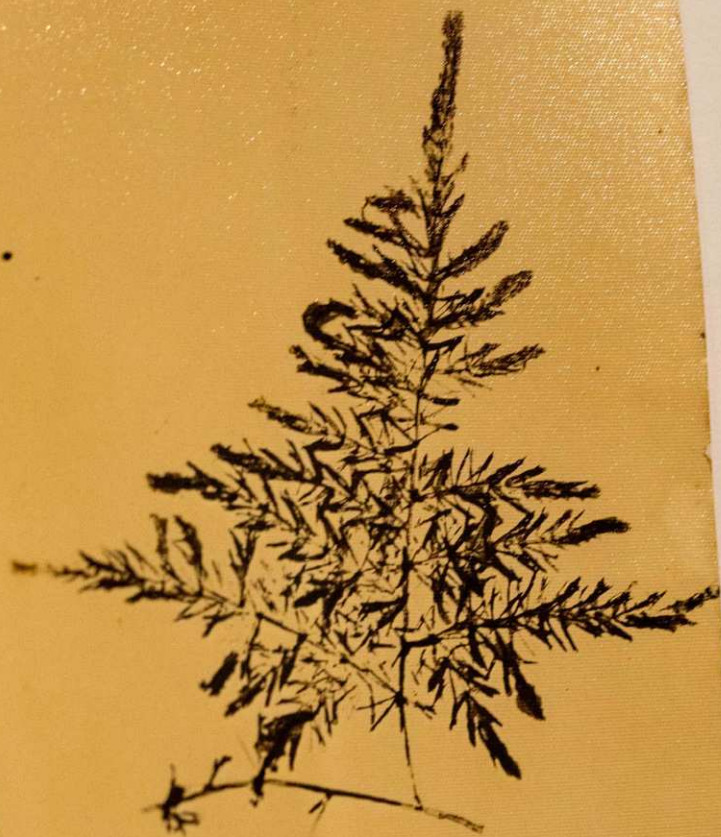
Realizadas por meio da técnica da Quimi-grama, cada elemento coletado foi registrado unindo fotografia e gravura diretamente sobre suporte fotossensível. Aqui, cada elemento condensa significações e sentidos a sua maneira, fazendo com que a fragilidade aparente do elemento vegetal e do pigmento químico fotográfico potencializem suas características efêmeras.

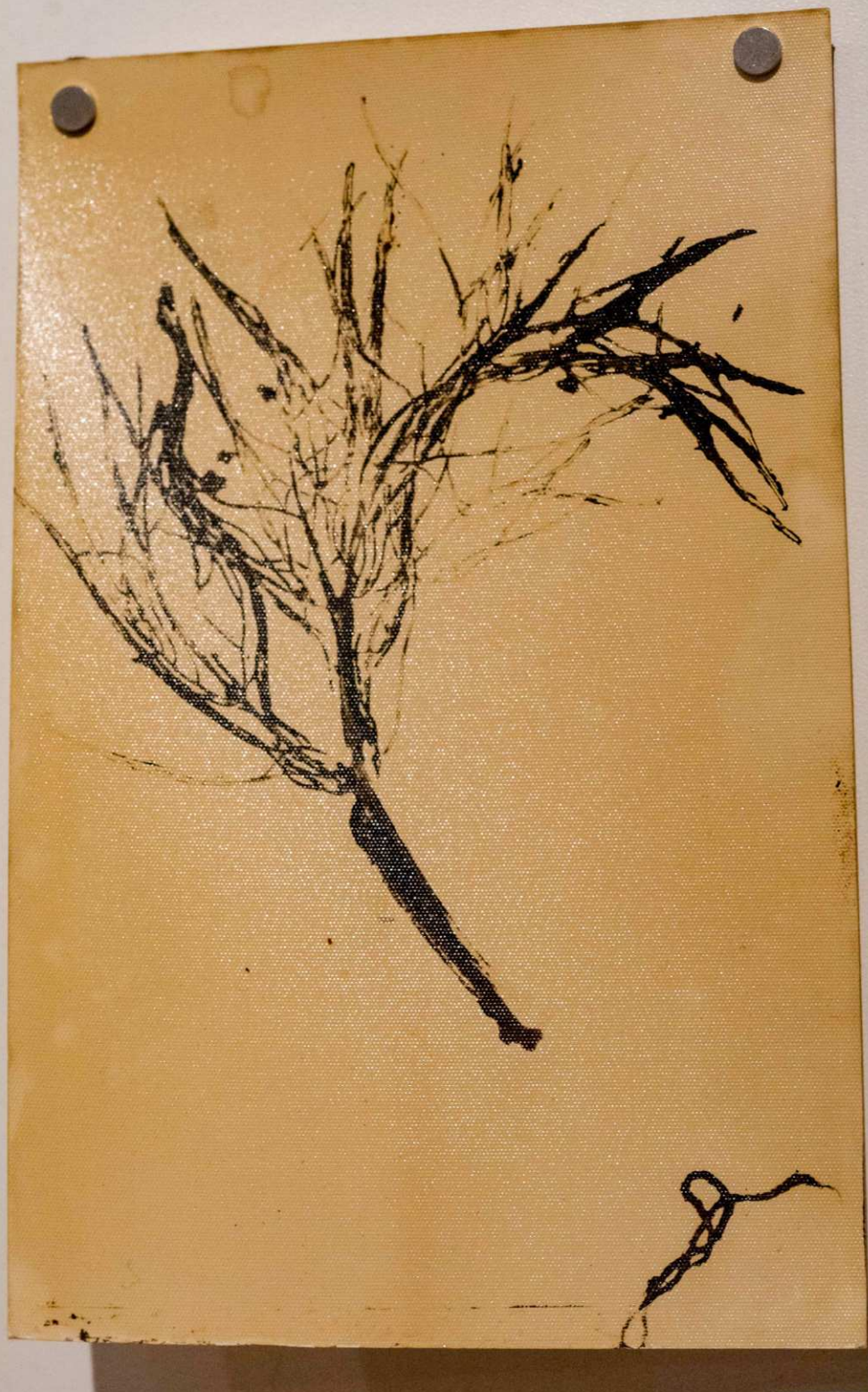
















Quimigrama e monoprint. 9x14 cm (conjunto 31 x 87 cm.). 2018. Impressão sobre papel fotográfico.

Odete Calderan

Odete Calderan (Sananduva/RS, reside em Criciúma/SC) é artista visual, pesquisadora, professora. Doutoranda em Processos Artísticos Contemporâneos/Artes Visuais PPGAV/UDESC (2020-), Mestra em Artes Visuais (PPGART/UFSM) Especialização em Design para Estamparia (UFSM) e Bacharelado em Desenho e Plástica (UFSM). É professora no Curso de Artes Visuais, Bacharelado e Licenciatura na Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), Criciúma, SC. Participou de várias exposições individuais e coletivas: Residência artística Lugar(es) - Projeto Pretexto Nós estamos trabalhando agora, curadoria Kamilla Nunes, Sala Edi Balod, UNESC, Criciúma, SC (2019). Seleccionada 14ª Bienal de Arte Internacional Curitiba - Exposição Fronteiras em aberto, coletiva de artistas), curadoria de Francine Goudel, Juliana Crispe e Sandra Makowiecky, Museu de Arte de Santa Catarina - MASC, SC (2019). Seleccionada XIII Salão Nacional de Artes, curadoria de Josué Mattos, Itajaí, SC (2013). Pesaro o peso Edital Fundação Cultural de Criciúma, curadoria de Claudia Zimmer, Helen Rampinelli Galeria Ateliê, Criciúma, SC (2015). Volver Edital Fundação Cultural Badesc, curadoria de Claudia Zimmer, Espaço Fernando Beck, Fundação Cultural Badesc, Florianópolis, SC (2015).



Foto: Andressa Borges Gomes Flor

“Minhas práticas artísticas ao longo do percurso surgem de processos cuja singularidades e aderências atravessam contextos relacionados ao inventariar, coletar, classificar e colecionar, em procedimentos que se fragmentam com a cerâmica, terras, pedras, raízes, palavras/listas, entre camadas, particularidades e afinidades, interessada na memória das coisas quando deslocadas de seus lugar(es), nos modos de inventar-ficcionalizar e apresentar - objetos, instalações, fotografias, publicações e outros, sendo construídas em espaços e temporalidades distintas.”

Sobre Fragmentos Elementales



Fragmentos elementares coletados de camadas processuais, em meio às particularidades combinatórias experienciadas em caminhadas e coletas de terras, pedras, folhas, flores e modelagem cerâmica.





Ao dispô-los lado a lado, sobrepondo gestos e temporalidades que se cruzam no espaço expositivo, a artista convida o espectador a habitá-los e preenchê-los a partir das suas narrativas.









Instalação. 67 x 160 x 70 cm. 2024. Caixas, cerâmicas, pedras, plantas secas, vidros c/ terra, objeto de acrílico.

Pedro Gottardi

Artista visual, professor, pesquisador. Doutorando em Artes Visuais no PPGAV/UDESC (2023-), na linha de pesquisa Processos Artísticos Contemporâneos. Mestre em Educação pela Universidade Regional de Blumenau - FURB (2021). Graduado em Licenciatura em Artes Visuais pela FURB (2018). Integrante do Grupo de Pesquisa em Articulações Poéticas. Foi conselheiro de Cultura em Blumenau/SC, gestão (2019-2021). Seu processo artístico tem por base a gravura, dado por desdobramentos de temas que permeiam a linha do horizonte como campo vibracional na elaboração de possíveis paisagens.



“Investigo a linha do horizonte como campo vibracional, incorporando caminhadas pela natureza, entre praias e costões, como procedimento artístico. Utilizo monotípias, ponta-seca e cianotipia para inscrever gestos efêmeros e construir uma linha ficcional, onde a paisagem se manifesta como presença instável: um território de atravessamentos e desvios. A gravura opera como superfície sobre a qual os fluxos do tempo natural se inscrevem e se transformam. Interessam-me as forças que emergem nos limites da linha, evocando paisagens utópicas e distópicas. O trabalho propõe um pensamento visual em que o ato de imprimir é também um modo de existir e respirar.”



Quando as Raízes
Abraçaram meu
Interior

o



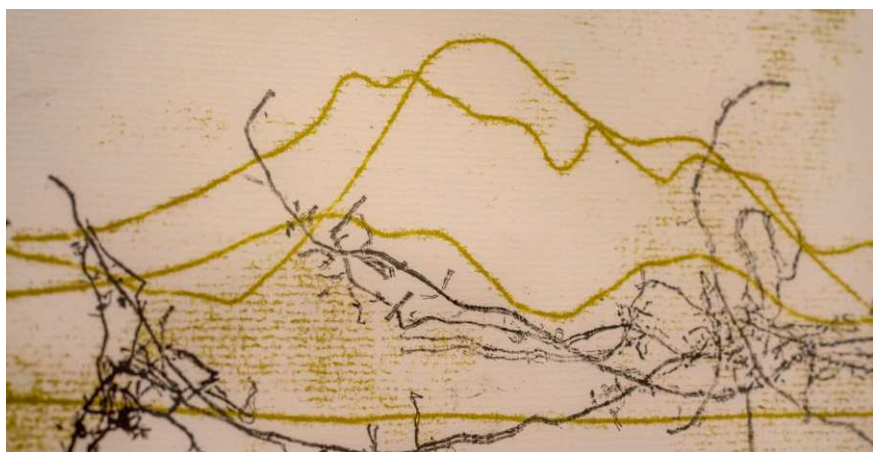
Uma Linha que
u Vibra no Horizonte

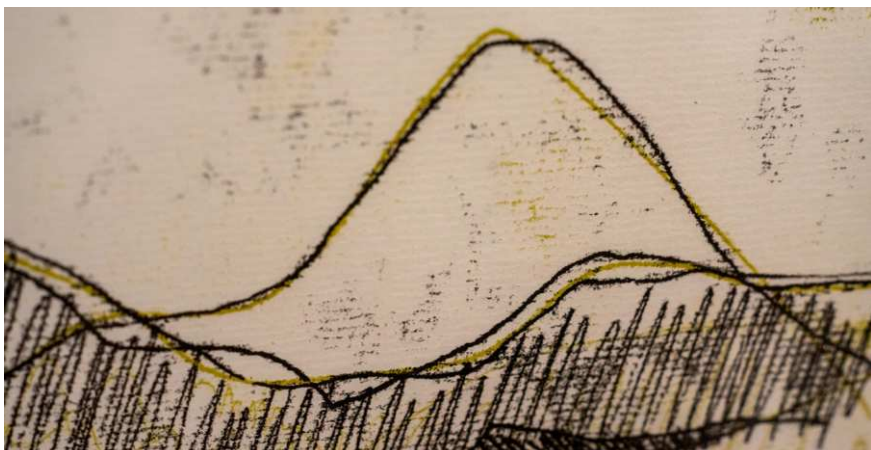


O trabalho propõe o caminhar pela natureza como procedimento, buscando evidenciar a linha do horizonte como campo vibracional. Também busca traduzir uma utopia dada pela dualidade da vida e da morte das plantas, friccionado a reflexão sobre nossa existência no mundo, ao intentar paisagens utópicas e distópicas.



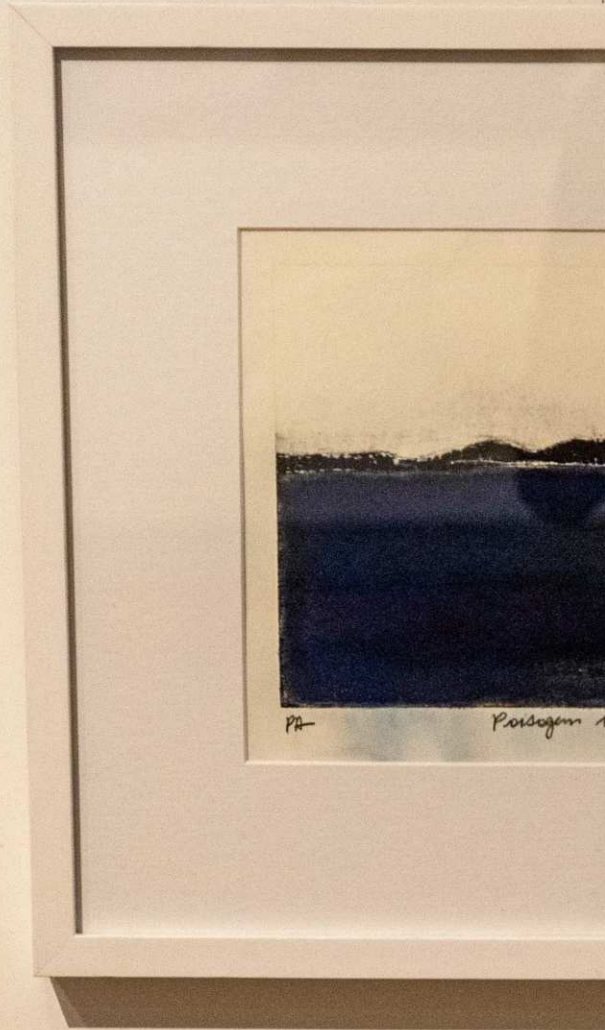
Monotipia. 21 x 21 cm (conjunto com moldura 33 x 138 cm). 2023. Papel.



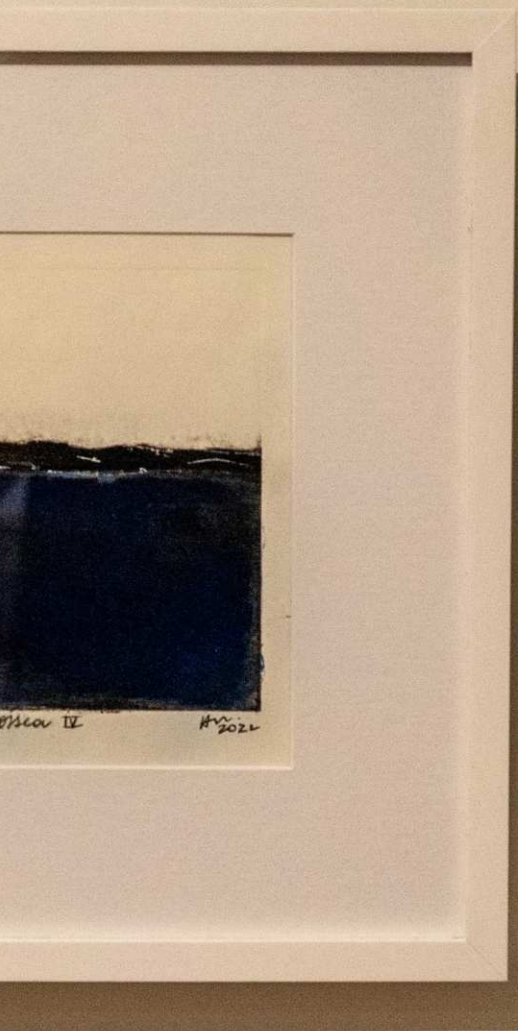








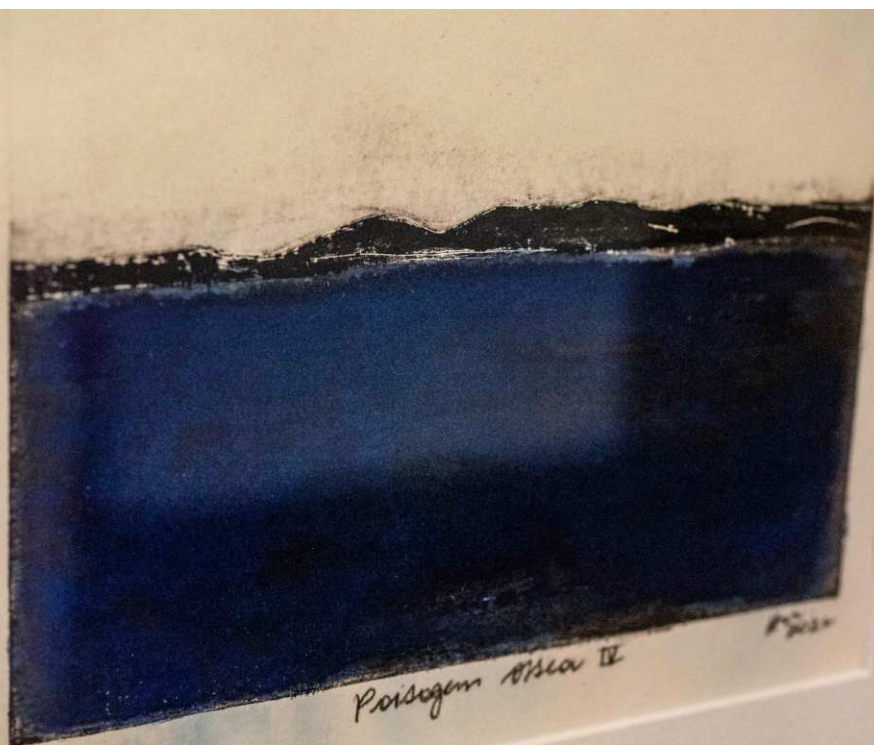
Paisagem Óssea IV

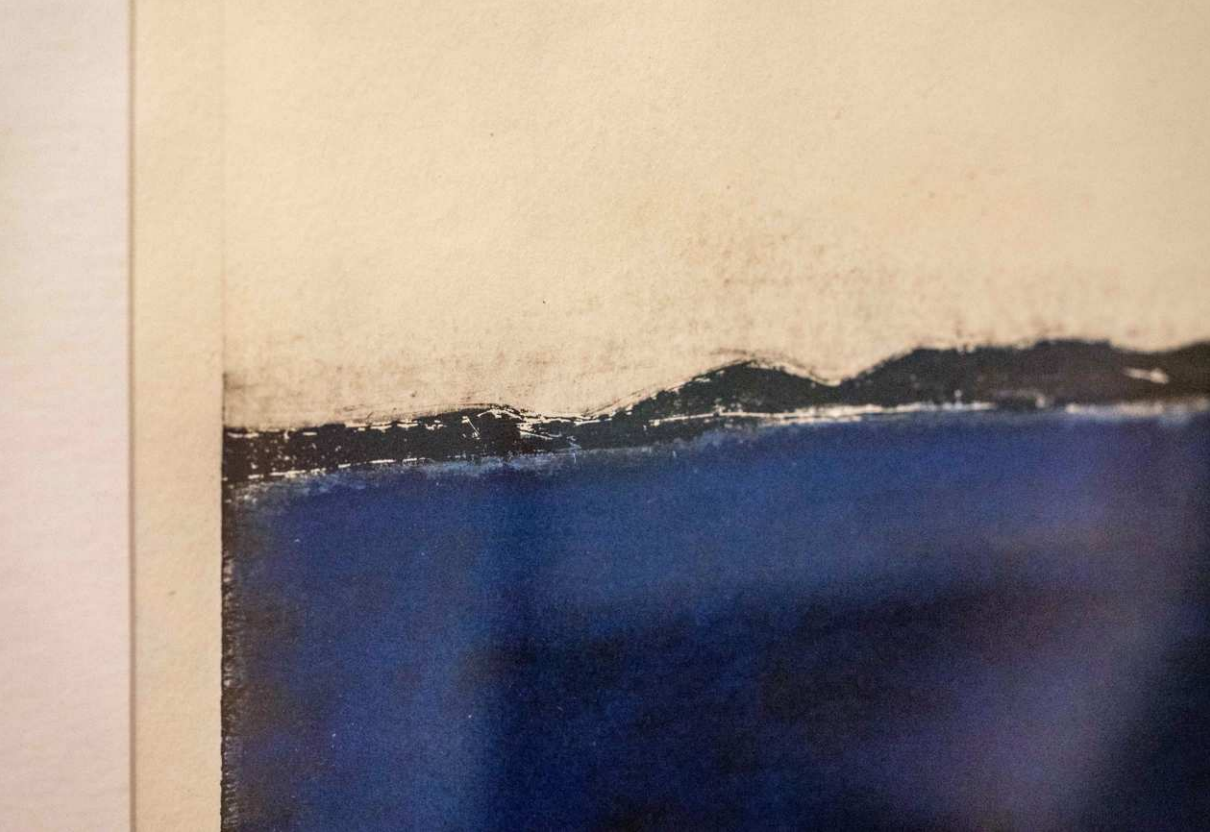




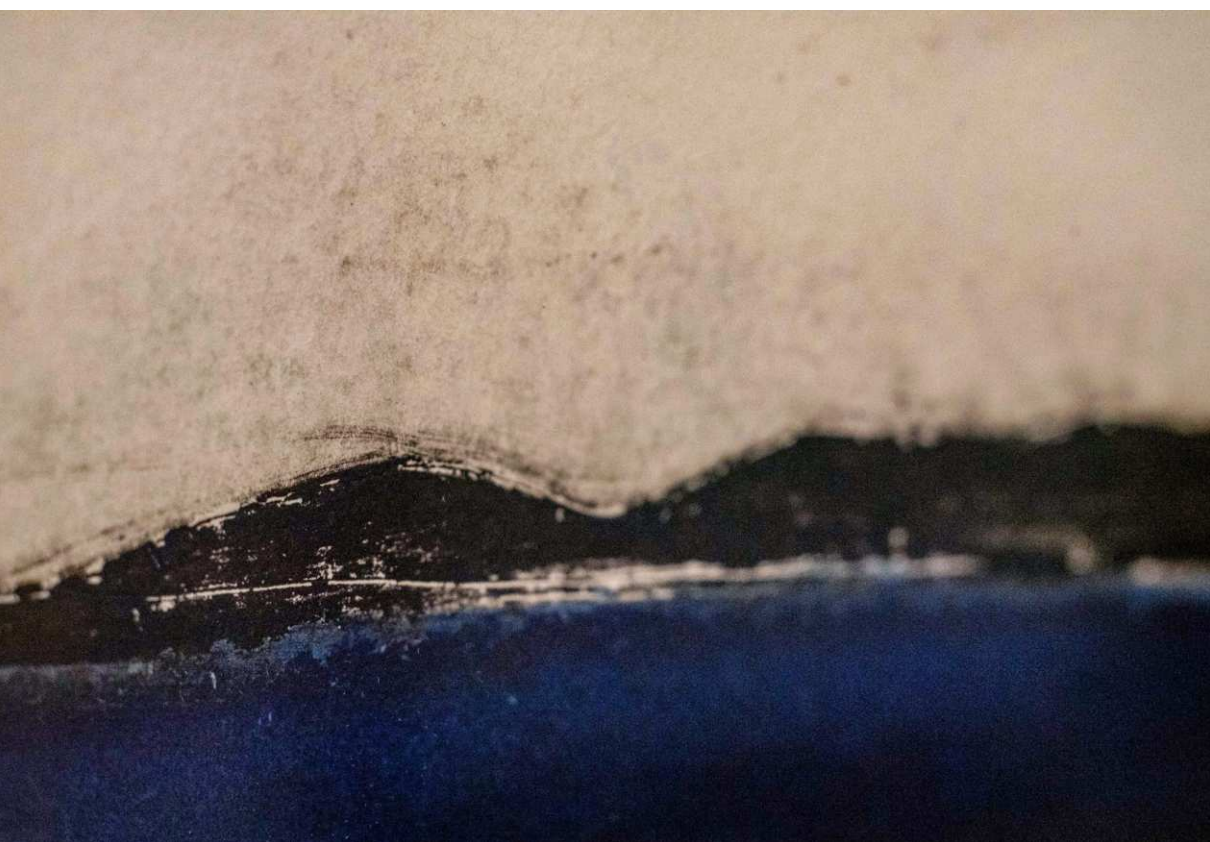
Utiliza técnicas da gravura e os desdobramentos do ato de imprimir para intervir no trabalho e revelar novos efeitos sob a visualidade.

O trabalho propõe o caminhar pela natureza como procedimento, buscando evidenciar a linha do horizonte como campo vibracional.





Ponta-seca e cianotipia. 21x30cm. 2022/2023. Papel
hahnemühle 220.

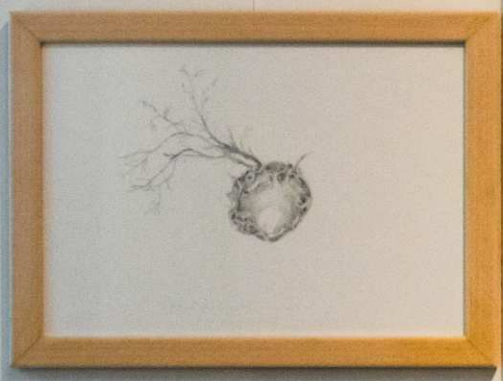


Sandra Favero

Artista, pesquisadora, professora, doutora em Poéticas Visuais pela Escola de Comunicação e Artes da USP. Seu interesse volta-se para memória, natureza e caminhadas como ativadores de seus processos em poéticas contemporâneas. Seus meios de expressão: desenho; gravura; publicações de artista; fotografia-performance; instalação. Atua como curadora. É professora da UDESC, CEART, Departamento de Artes Visuais e Pós-Graduação em Artes Visuais na Linha de Pesquisa Processos Artísticos Contemporâneos. Integra o Grupo de Pesquisa Articulações Poéticas, UDESC/CNPQ.



“Desenho como investigação e registro dos vestígios das existências mínimas: o que cada coisa, cada corpo carrega ao existir como suporte para outras vidas que ali proliferam, encontrando espaço para sobreviver. O singular destino dos objetos de consumo rejeitados pelos humanos após o uso, mas transformados em abrigo, casa, e refúgio para a sobrevivência e reprodução de seres naturais.”



Série Archeologicam





ente Contemporânea



A série Arqueologicamente contemporânea foi iniciada em 2014, e é aberta, acolhendo novos trabalhos que vão se desdobrando sempre a partir de objetos encontrados à beira mar.







O interesse está em chamar a atenção do público para aquilo que passa despercebido, mas que está presente e pode causar inúmeras reflexões, seja sobre a sua beleza, delicadeza e fragilidade estrutural, ou pela estranheza de sua aparência, que foge aos padrões corriqueiros e usuais de uma sociedade inebriada pelos apelos consumistas que levam ao abandono daquilo que é natural.





Apresento neste projeto 4 (quatro) desenhos a grafite de objetos-coisas guardados de mais de uma coleta feita no Pontal da Daniela, Reserva Ecológica Carijós, e, quatro caixas onde os mesmos objetos estão dispostos sobre areia.







Série de quatro desenhos, 25 x 34 cm cada um, 2023.
Grafite sobre papel arroz.

Série de quatro objetos-coisas-coleções, 10 x 20 x 15
cm, 2024. caixas de acrílico, areia e coletas da praia.

Shayda Cazaubon

Artista visual, arte educadora, designer gráfico, Doutoranda em Artes Visuais na linha de Processos Artísticos Contemporâneos e Mestra em Ensino das Artes Visuais (PPGAV/UDESC). Graduada em Licenciatura em Artes Visuais (UFPel), com período de mobilidade acadêmica em Portugal (UA). Técnica em Comunicação Visual (IFSul). Em sua pesquisa investiga o caminhar como prática poética e pedagógica, parte da noção do caminhar como meio sendo ele compreendido como um dispositivo criativo suspenso, que tem início e fim em si mesmo. Do mesmo modo, entende essa prática como uma forma de resistência na contemporaneidade, um meio de ser, estar e tornar o corpo presente para a experiência do agora e para o processo que ocorre no entre. A partir disso, outros conceitos são investigados pela artista como: cartografia, corpo, território, natureza, margem, educação menor, fabulação, linhas, fronteiras, fragmentos, camadas e memórias. Trabalha com diferentes materiais e técnicas, sendo os principais: fotografia, livro de artista, performance e coleta de fragmentos (materiais/imateriais) em seus deslocamentos para desenvolver seus projetos artísticos posteriormente. Como arte educadora tem experiência em escolas municipais, estaduais e particulares da rede de Florianópolis.



“Minha pesquisa parte do caminhar como prática poética e autobiográfica, atravessando o “entre” das experiências, onde paisagens internas e externas se entrelaçam e abrem passagem para outras formas de existência. Mesmo após o percurso, a travessia persiste, transmutando-se em criações que deslizam entre gesto, matéria e memória. Os objetos originados da coleta de materiais orgânicos, assim como os livros de artista, se apresentam como territórios férteis, onde múltiplas linguagens encontram abrigo, eco e continuidade.”

Ressonâncias





Ósseas





Instalação, 140x10cm, 2024. Coleta de materiais, conchas e tronco de árvore.

Tecendo Fronteiras



entre Mar e Terra





Livro de artista, scanografia, fotografia, 10x15cm,
2022. Impressão em papel couchê.



isagem interna.

mo falésias, com

l do mar. Vi os

rochas. Notei que

vios da água entre

-paisagens, micro-

cionais internos.

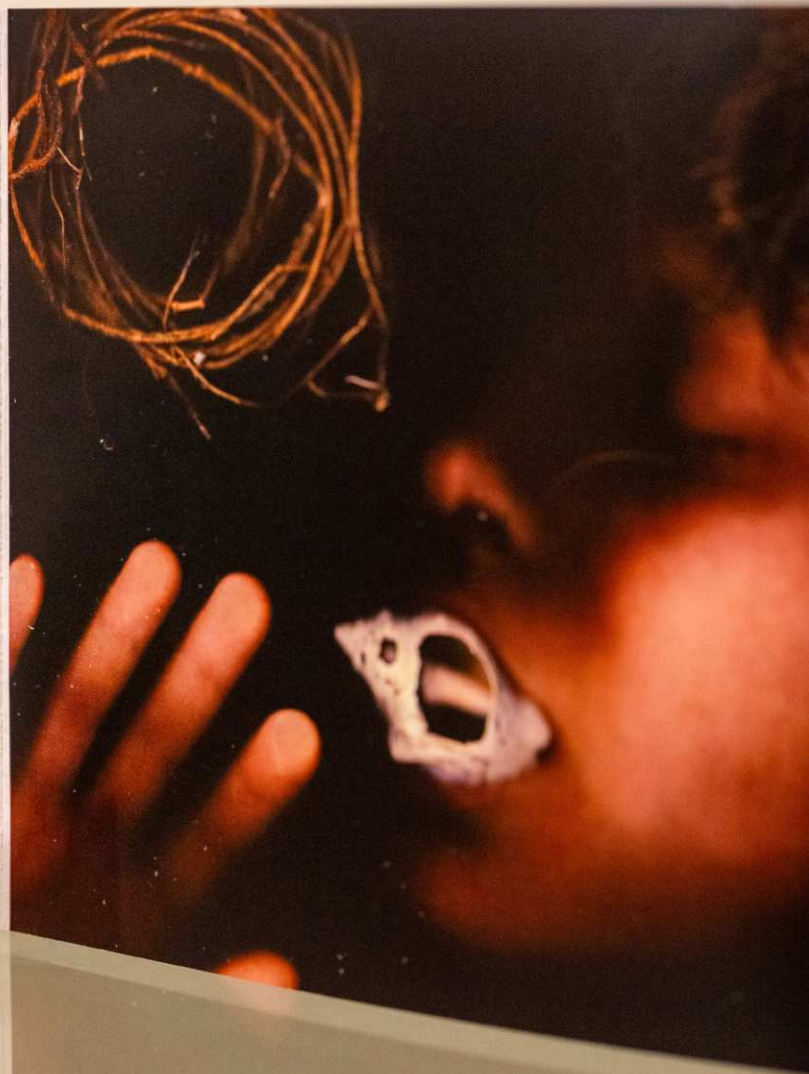
aminho, o mar tem

le vejo em erosão,

m por onde ando...

e não vou mentir...

ber



As criações resultam da utilização de materiais coletados durante diferentes caminhadas, em distintas localidades da Região Metropolitana de Florianópolis. Durante esse processo, a artista explora a concepção do “caminhar como meio”, considerando essa prática como um dispositivo criativo suspenso no tempo e espaço. A coleta dos materiais ocorre através de uma identificação pessoal com cada elemento, e a construção subsequente de narrativas autobiográficas, revelando uma simbiose entre a história pessoal da artista e os elementos da natureza. As imagens do livro misturam os cabelos e rosto da artista a conchas, ninhos e outros elementos naturais.





Tiago Meirelles

Trabalha com fotografia, áudio e texto, e sua prática parte de caminhadas imersivas. Explora a geometria das forças da natureza, o tempo profundo e o tempo de cada passo. Dialoga com as entidades que sente o acompanharem nos caminhos: montanhas sagradas andinas, o imenso mar atlântico, rochas singulares, nuvens oníricas. Tem interesse na inteligência dos diferentes estados da matéria. Começou a estudar e trabalhar com arte em 2018. É formado em engenharia ambiental pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com intercâmbio na Université Grenoble Alpes na cidade de Grenoble-FR, através do programa BRAFITEC, fomentado pela CAPES. Hoje é estudante de licenciatura em Artes Visuais na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), e também é aluno de mestrado na mesma instituição, no programa de Pós-graduação em Artes Visuais (PPGAV-UDESC), na linha de pesquisa em processos artísticos contemporâneos, sob orientação da Prof. Dra. Sandra Maria Correia Favero.



“Qual o tempo da pedra? Imerso no insistente exercício de comunicar-me com os minerais, aproveito-me de uma provocação do autor Tim Ingold e lavo uma rocha para perceber seu avançar no tempo do relógio.”

Lavar a Rocha



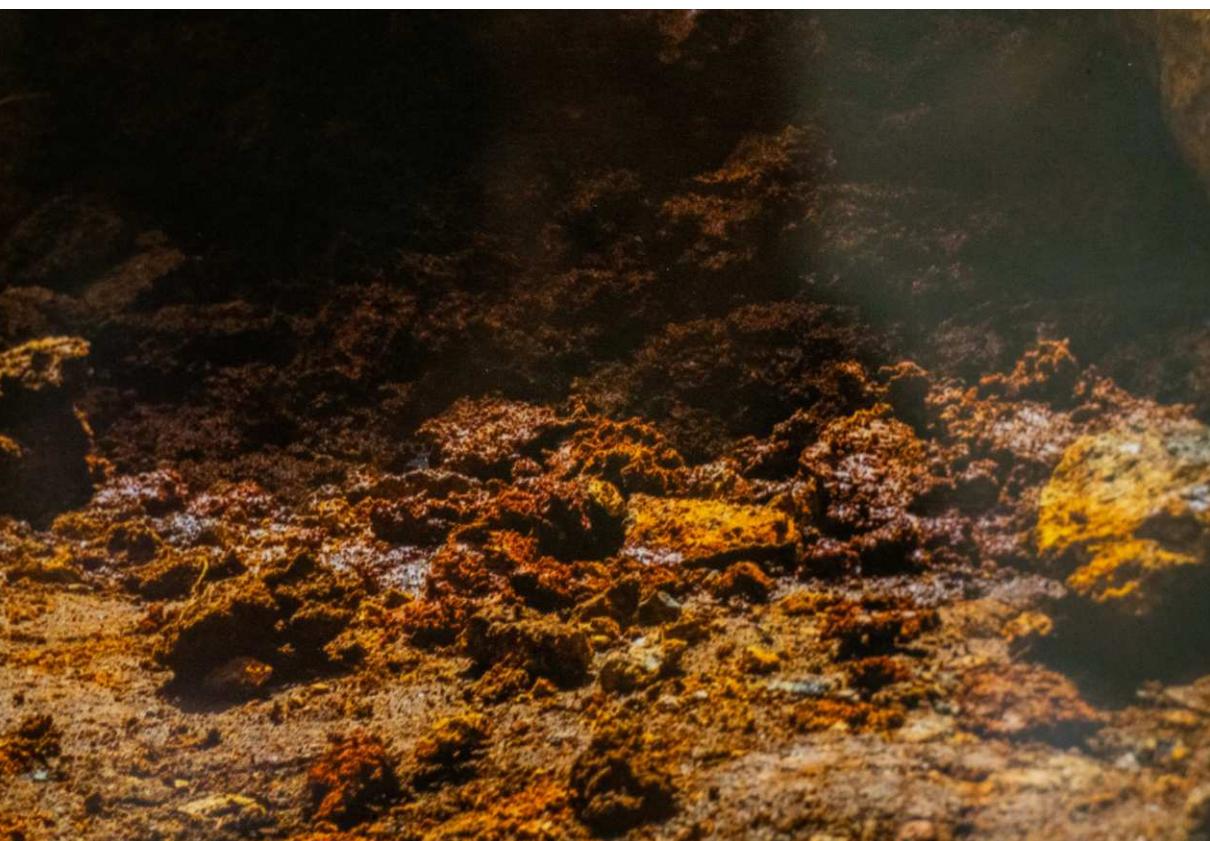


Tiago Matos
Luz e sombra
Século do século
Fotografia digital, impressão de pigmento
materia, sobre papel fotográfico
21 x 114 cm
2013



O artista lava uma rocha descolada do solo e coberta de terra. A ação dura 19'23".







Sequência de três fotografias. Fotografia digital.
35x114cm, 2023. Impressão de pigmento mineral sobre papel fotográfico.



Fotos da



Exposição

Raízes Poéticas

Angelica Neumaier
Anna Moraes
Gabriela Buffon
Gustavo Reginato
Laura Malmegrin
Luanda de Oliveira
Luiza Reginatto
Mariana Medeiros
Odete Calderan
Pedro Gottardi
Sandra Correia Favero
Shayda Cazaubon
Tiago Meirelles

Raízes Poéticas é o título de uma pesquisa em andamento, realizada por artistas reunidos no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina. As raízes, partes subterrâneas e enigmáticas das plantas, são aqui uma imagem dos processos de criação: uma concentração de substâncias que permeiam o interior do artista e são externalizadas na forma artística, intervindo no meio externo em um movimento de troca. Pesquisamos práticas que envolvem uma abertura ao mundo exterior, em percursos, deambulações, caminhadas e consequentes coletas materiais e imateriais da natureza, do meio urbano e de espaços diversos.

Buscamos realizar exercícios de composição de formas artísticas a partir desses elementos, em processos sensíveis, intuitivos, intelectuais e constitutivos. Os trabalhos apresentados são resultantes de uma prática de proposições entre os membros do grupo, de uns para os outros, formando um ecossistema de obras que se referem umas às outras, como organismos em coexistência colaborativa.

Entre caminhos, coletas e composições, o que atravessa todas as produções é a relação com a paisagem: paisagens vegetais, marítimas, urbanas, terrestres ou híbridas. Da intimidade do jardim à imensidão oceânica, experiências e sensações são materializadas em formas que se desdobram. Da pedra à montanha, das linhas da gravura aos galhos de ninhos e cabanas, das casas-concha aos vestígios urbanos do antropoceno, novos sentidos são formados a partir de rastros, com a atenção daqueles que percorrem paisagens em um tempo lento e expandido, valorizando presenças humanas e não-humanas. Diluem-se as fronteiras entre as sensações dos artistas, das próprias paisagens e das plantas, animais e minerais que as compõem.

A exposição Raízes Poéticas apresenta trabalhos que buscam dar materialidade às experiências de um grupo de artistas, mas também oferecer ao público, através de formas abertas, a possibilidade de descobrir, construir e inventar mundos a partir da atenção ao mínimo, inserindo fragmentos do cotidiano em fluxos criadores e inspirando novos percursos atenciosos ao entorno, coletas afetivas e questionadoras, construções de sentidos sobre a realidade através da transformação da matéria.



BADESC



Fundação Cultural INOCS

GOVERNO DO
ESTADO DE
SANTA CATARINA

SECRETARIA DE CULTURA

GOVERNO DO
ESTADO DE
SANTA CATARINA













Referências

COCCIA, Emanuele. A vida das plantas: uma metafísica da mistura. Desterro [Florianópolis]: Cultura e Barbárie, 2018.

OSTROWER, Fayga. Acasos e criação artística. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

TSING, Anna Lowenhaupt. Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no antropoceno. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

Ficha catalográfica

R161

Raízes poéticas: catálogo da exposição / Sandra Maria
Correia Favero (org.) – Florianópolis, SC: Caseira Editora,
2025.

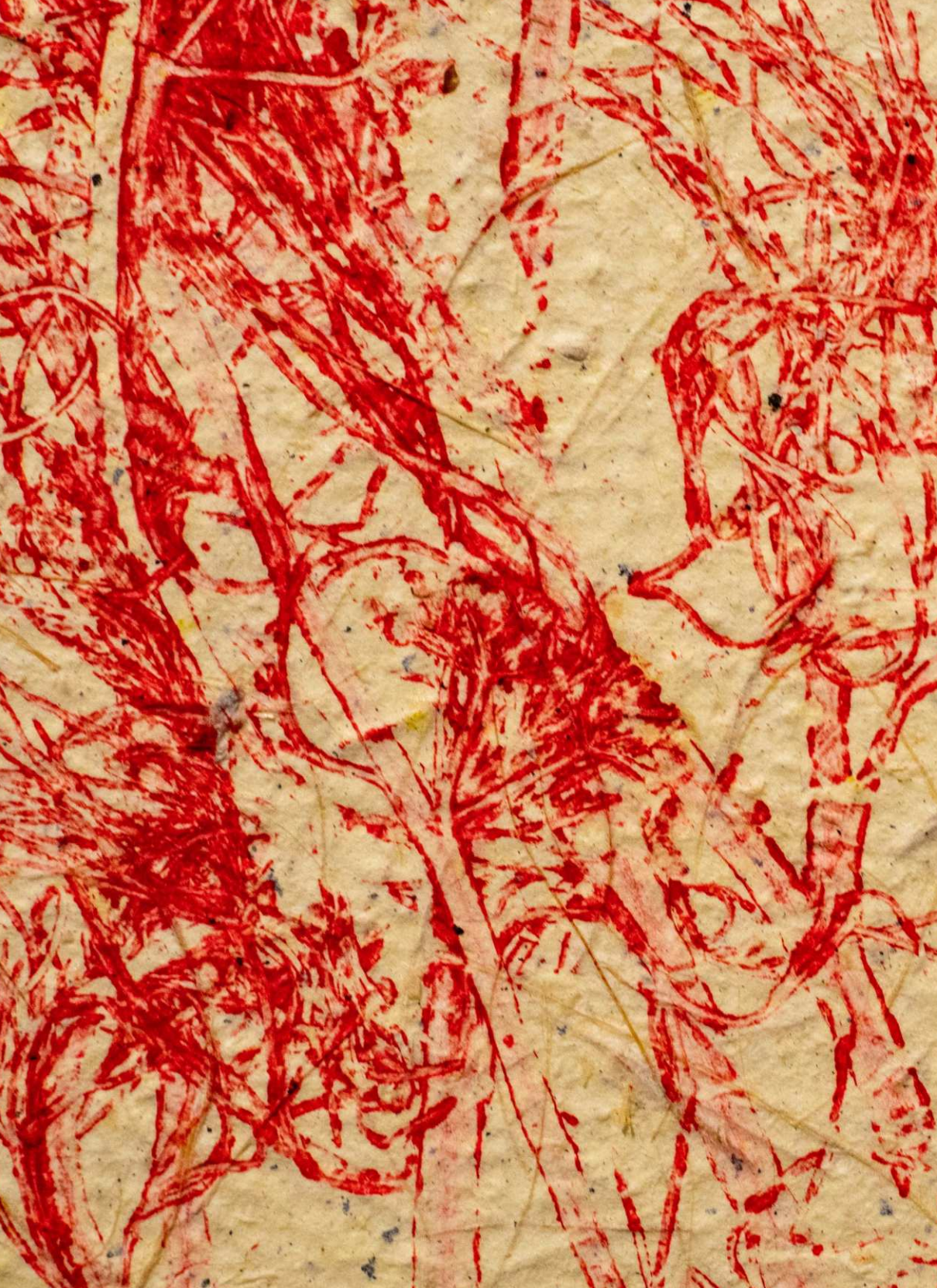
186p. ; 14x21cm.

978-85-68923-93-1

1. Artes visuais. 2. Catálogo. 3. Raízes poéticas. 4.
Fundação Badesc. 5. Favero, Sandra Maria Correia.

CDD 700

Fontes: Bahnschrift e Abhaya Libre
Papel: Pólen Bold 90g
Impressão: jato de tinta pigmentada
Encadernação artesanal brochura
Capa em Pulse Design 250g





O *Catálogo da Exposição Raízes Poéticas* acompanha a exposição coletiva de trabalhos dos integrantes do grupo de estudos Raízes Poéticas, realizada entre os dias 07/03/2024 e 25/04/2024, no Espaço Fernando Beck da Fundação Cultural BADESC, em Florianópolis/SC. O projeto da exposição foi contemplado no Edital de Exposições 2024 para compor a agenda do espaço expositivo. Com 18 obras de 13 artistas, este catálogo reproduz desenhos, gravuras, fotografias, publicações, objetos e instalações incluídos na mostra.

